Faculdade de São Bento

Curso de Teologia

Mulheres na Bíblia e nas comunidades: um espelho para os tempos

Janete da Costa Pedro Nogueira da Luz

São Paulo, junho de 2014

Faculdade de São Bento

Curso de Teologia

Janete da Costa Pedro Nogueira da Luz

Mulheres na Bíblia e nas comunidades: um espelho para os tempos

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de São Bento como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia

Professora orientadora: Rita de Cacia Ló

São Paulo, junho de 2014

A mulher é o futuro do homem[1]

O poeta tem sempre razão
Quem vê para além do horizonte
E o futuro é o seu reino
Face à nossa geração
Eu afirmo com Aragon
A mulher é o futuro do homem

Entre o passado e o futuro
A vossa luta em todos os campos
Da nossa é inseparável
Entre os homens que fazem às leis
Se há quem cante com a minha voz
Outros impõem as interdições bíblicas

O poeta tem sempre razão
Que destrói as antigas preces
A imagem de Eva e da maçã
Face às milenares maldições

Eu declaro com Aragon
A mulher é o futuro do homem
Para parir sem dor
Para o controle dos nascimentos
Foram precisos milênios
Embora tivéssemos saído da Idade Média
Os teus séculos de infinda servidão
Pesam ainda muito sobre a Terra

[1] FERRAT, J. - Conforme BlogLeituras Favre disponível em http://blogdofavre.ig.com.br/2011/01/a-mulher-e-o-futuro-do-homem/ Acesso em: 08/01/2014

Dedico este trabalho às minhas filhas Maíra e Mariana. Pessoas incríveis que sempre me deram muita alegria e não deixaram de incentivar todas as minhas empreitadas.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao Bispo Dom Joaquim Carrera (*in memoriam*) que exigiu que todos os coordenadores de pastoral da Região Santana fossem se capacitar na Cúria de Santana, onde despertei o desejo de uma formação mais profunda.

Agradeço ao Padre Gilberto de Oliveira Alves, que pacientemente me inseriu nos mistérios da Santa Igreja, de forma incansável e suportando todos os meus questionamentos, sem nunca deixar de propor respostas que aumentassem a minha sede de saber.

Agradeço aos meus professores da Faculdade que, apesar da minha pequenez organizaram um caminho, não muito suave, mas possível de ser trilhado.

Agradeço a Deus pelo meu pai, que no momento se encontra junto a Ele, e a minha mãe, que aos seus áureos 91 anos, sempre foram modelo e espelho. Devo-lhes a formação do caráter, da honra e do bem.

Agradeço enfim ao meu fiel escudeiro e esposo, que sempre me apoiou nas mais diversas obras, por mais diferentes que parecessem.

Resumo

O trabalho visita o Antigo Testamento para entender como as mulheres passaram por diversos momentos. Depois, parte para as passagens dos Atos dos Apóstolos em que aparecem Priscila e Lídia, com a finalidade de mapear a sua atuação nas primeiras comunidades cristãs. A partir de então, o objetivo é entender qual foi a influência que as mulheres tiveram na transmissão da fé. Em seguida é feita uma comparação com as atividades desenvolvidas por uma mulher em 2014 para perceber o que há em comum entre as primeiras e esta.

Sumário

Introdução....2
Capítulo I: Mulheres na Bíblia....4
1.1 Uma leitura das narrações da criação no livro do Gênesis....4
1.2 A mulher no período dos patriarcas....8
1.2.1 A maternidade....10
1.2.2 Filhos do concubinato....10
1.3 A mulher na literatura sapiencial....16
1.3.1 O profetismo: quem era o profeta?....19
1.3.2 A mulher na transmissão da fé....23
Capítulo II: A mulher e o cristianismo nascente....26
2.2 Retrato da comunidade primitiva....28
2.2.1 Breve história da igreja – Atos dos Apóstolos....30
2.2.2 A gruta de Paulo e Prisca....33
2.3 As mulheres e Paulo....37
2.3.1 A mulher na transmissão da fé....40
Capítulo III: A mulher e o cristianismo hoje....42
3.1 Apresentação da protagonista....42
3.2 A mulher ontem e hoje....43
3.3. A mulher e os desafios para a transmissão da fé hoje....50
Conclusão....52
Referências....56
Anexos....59

Introdução

Este trabalho tem a intenção de introduzir o leitor num movimento liderado por mulheres que desde os primórdios realizam um papel pedagógico na fé.

Entendendo por pedagógico todo o conjunto de ações e princípios que as conduziram, não de maneira metódica e planejada, na educação e instrução daqueles que por elas passavam. Essas mulheres tinham sim um objetivo prático: transmitir a fé no Deus de seus pais. O estudo dos ideais de educação jamais poderia, segundo uma determinada concepção de vida, entender quais foram os meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar esses ideais (os de transmitir a fé).

Muitas das mulheres tratadas aqui, e presentes ainda hoje no nosso dia a dia, não têm profissão ou prática de ensinar; elas seguem a intuição, e conforme a vida, as dificuldades e o transcorrer do dia a dia vão sendo inspiradas pelo Espírito, e tementes a Deus, executam sua missão.

Profetizam e esperam. Denunciam e esperam. Silenciam e esperam. Algumas vezes são vítimas e outras, estereotipadas. Abertas ao ensinamento e à Palavra, tornam-se protagonistas das igrejas domésticas e as lideram com amor. Destemidas, ainda que ameaçadas, não deixam de executar a missão até o fim.

Elas rumam para a modernidade, enfrentam novos desafios impostos pelos novos saberes, pela cultura, pela sociedade e pela mundialidade. Elas são globais e conhecem vários segredos do universo, do corpo, da mente.

Na simplicidade de uma mulher que também viveu os dramas e as dores da esterilidade, espera constante e humildade, surge a força para liderar uma pequena pastoral de um bairro periférico ao encontrar-se também na fé de seus antepassados.

Com ardor e amor missionário, a mulher de hoje que será apresentada aqui trabalha com pais e padrinhos mostrando com o testemunho de vida como ser

Sacerdote, Profeta e Rei – papel de todo batizado. Ela também desempenha em sua família no ensinamento dia após dia para filho e esposo, sogra e sobrinhos, irmãs e irmãos de sangue e de fé, deixando uma mensagem para o futuro: “Convertei-vos e crede no Evangelho. Eis o tempo favorável”.

A intenção do trabalho era fazer uma ampla abordagem, mas por limitação de páginas e tempo foi realizado um recorte que ficou em algumas mulheres do Antigo Testamento, em duas específicas do Novo Testamento e na atuação comunitária de uma mulher na atualidade.

A proposta é que por meio dessas personagens seja possível compreender a ação educadora e continuadora da mulher na disseminação da fé e a responsabilidade que ela teve em tempos idos e continua a ter hoje na propagação desta fé para os filhos, amigos, vizinhos e a todos que a ela estiverem próximos ou não, ligados ou não.

Para pôr em prática essa tarefa, uma série de desafios de toda ordem existe e aqui elencamos apenas alguns. Espera-se que ainda assim seja possível alcançar e caminhar junto com as mulheres rumo à sua missão e encontrar e apresentar Jesus a toda criatura até os confins da terra.

Capítulo I: Mulheres na Bíblia

Neste primeiro capítulo, abordaremos o papel da mulher a partir dos primórdios e em civilizações próximas a Israel, pois as narrativas da obra da criação apresentam, desde as origens, a forma de convívio entre as pessoas, e as mulheres têm papel especial nessa convivência.

Deus criou coisas boas e pessoas boas para reinar junto a Ele. Pensou no companheirismo das suas criaturas, com a presença de semelhantes, que mantêm, porém, diferenças. Tudo ao mesmo tempo, mas jamais um ser é tido como superior e outro inferior.

Em algum momento da história, alguém se sentiu mais poderoso e criou todo um sistema de dominação e rebaixamento do outro; em determinado momento da história, as mulheres foram obscurecidas, mas apesar disso, algumas conseguiram deixar a sua marca, a qual abre caminhos para muitas outras ainda mais anônimas do que as mencionadas aqui que, mesmo sem nome e sem rosto, são bastante profundas e marcantes.

Estas mulheres ocultas são responsáveis por casas e famílias. Muitas vezes por famílias numerosas, outras por famílias estéreis que precisaram ser fecundadas. E é isso o que elas fazem: lutam pela e para a vida. Dão uma grande lição de sabedoria no silêncio e na simplicidade e no ocultamento.

1.1 Uma leitura das narrações da criação no livro do Gênesis

A obra de gestação de Deus iniciou com a criação do céu e da terra: a terra estava vazia e o sopro de Deus agitava a superfície das águas. O Verbo ordenou que a luz se fizesse e que tivesse um dia e uma noite; separou-se, assim, a luz das trevas, as águas, do firmamento[1], conforme a seguir:

[1] Todas as citações e referências à bíblia consideraram a seguinte edição: **BÍBLIA de Jerusalém**. Nova Edição Revista e Ampliada. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das

> [1]No princípio, Deus criou o céu e a terra. [2]Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. [3]Deus disse: "Haja luz", e houve luz, [4]Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas, [5]Deus chamou a luz "dia" e às trevas "noite". Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.
>
> [6]Deus disse: "Haja um firmamento no meio da águas e que ele separe as águas das águas", e assim se fez. [7]Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, [8]e Deus chamou ao firmamento "céu". Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia. (Gn 1, 1-13; 21-22)

Deus criou o continente e o chamou de terra, assim como o ajuntamento das águas de mares. O Criador ordenou que a terra verdejasse de ervas, árvores, verduras e frutos cheios de sementes.

> [11]Deus disse: "Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem sementes e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente", e assim se fez. [12] A terra produziu verdura: ervas que dão sementes segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom. [13]Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia.

Ele também fez os dois luzeiros – sol e lua – que separavam dia e noite para que servissem de sinal para identificar os dias, meses e anos. Fez os seres vivos que vivem na água, na terra e no ar; os abençoou e os tornou fecundos ordenando que se multiplicassem sobre a Terra. À sua imagem e semelhança criou o homem e ordenou a ele o domínio sobre toda a criação. Foram seis dias de criação e assim que viu que tudo era bom, o Criador descansou no sétimo dia.

Cultivar e guardar o jardim em Éden foi a missão que Deus confiou ao homem e este era, portanto, o seu dever. Vendo que não era bom que o homem estivesse sozinho, Deus lhe fez uma auxiliar: "[21]Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu

---

introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da "École biblique de Jérusalem". Edição em língua francesa Les Éditions Du Cerf, Paris, 1998, ed. Revista e ampliada. Paulus, 2002.

lugar. [22]Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem". Conforme diz Edith Stein (1999), logo no primeiro relato da criação do ser humano se fala da diferenciação entre o homem e a mulher. Adão foi colocado no paraíso de delícias e uma das suas tarefas foi nomear todos os animais; como não achasse alguém semelhante a ele – *Eser kenegdo*[2] (termo que designa um espelho que ao invés de mostrar a própria imagem reflete a própria natureza e pode ser traduzido por uma "ajudante igual") –, Deus, então, a providencia, Ele cria a mulher.

Ao apresentá-la a Adão, este diz: "Eis aqui agora, o osso de meus ossos e carne de minha carne; ela se chamará Mulher, "*îsha*[3]" porque do homem, "*îsh*[4]" foi tirada".

O homem e a mulher – pela própria distinção do sexo – deviam ter cada qual um papel a exercer, biblicamente falando: o homem foi criado primeiro e a mulher criada para estar ao seu lado. A cada um foi reservada uma série de dons, porém eles, homem e mulher, foram chamados a ser juntos imagem e semelhança do Senhor Deus, capazes de dominar toda a criação e, ainda, de povoar a terra.

As narrações populares sobre as origens do mundo situam-se aproximadamente entre os anos 2.000.000 a 13.000 a.C.[5] e a arqueologia demonstra esse dado comparando os textos bíblicos com as inscrições encontradas em cavernas.

O livro do Gênesis, por sua vez, registra os grandes marcos da humanidade: a criação, a entrada e saída do homem no paraíso, o assentamento do homem, o desenvolvimento da colheita e a expansão da humanidade. Os acontecimentos vão de Adão ao dilúvio, passam pelas listas de povos, pelo desenvolvimento do ferro, pelo domínio do fogo e tudo isso trouxe muitas transformações.

Conforme diz Tepedino (1990, p. 57) a respeito da condição da mulher no período primitivo: não havia distinção entre mulheres e homens; as condições

[2] Cf. p. 76 da Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010: termo hebraico de difícil tradução e que ao pé da letra significa – "uma ajuda como ele defronte".
[3] Comentário da Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010: Gn 2, 23 b, p. 37.
[4] Ibid.
[5] Cf. Apêndices – quadro cronológico. As Origens, Gn 1-11. Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010.

socioeconômicas favoreciam igualmente a ambos os sexos; as mulheres podiam praticar a poliandria, ter propriedades, ser remuneradas com valores iguais aos dos homens, eram letradas e tinham influência na religião (entre os sumérios, por exemplo, as deusas eram veneradas).

O período de 2778-2423 a.C. no Egito foi de grande reconhecimento para as mulheres visto que na partilha da herança, filhas e filhos tinham os mesmos direitos e, muito embora marido e mulher não tivessem o mesmo lugar social, ambos o tinham em relação aos direitos[6].

Concomitante ao pensamento grego – em que a mulher não tinha prestígio, era inferior ao homem e também considerada infiel e litigiosa – existe na Grécia antiga a citação do Pseudo-Demostenes que dizia: “temos as hetairas para o prazer (intelectual e sexual), as concubinas para as relações carnais e a esposa para mãe de nossos filhos legítimos”[7].

Corroborando com a questão do valor da mulher frente ao homem encontramos a afirmação de Arns, Gorgulho e Anderson (2004, p. 11): “No sistema patriarcal, as narrativas sobre as mulheres mostram os relacionamentos recíprocos e interdependentes como a base para a vida e o futuro do Povo de Deus”. Esta é a plataforma na qual se apoia toda a história do mundo patriarcal e hierárquico que não aceita a dominação e vai além, a rejeita.

Tudo que Deus criou é bom. Ele mesmo o reconhece ao final de cada obra, ao final de cada um dos seis dias de criação. Quando em Gênesis (1, 26) Deus diz “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”, Ele revela duas coisas muito importantes: 1) homem e mulher juntos serão imagem e semelhança de Deus; 2) ambos dominarão toda a obra da criação.

No livro do Gênesis, juntamente com os homens, Deus aponta para mulheres que protagonizaram na história do Reino: a mulher de Noé apresentada como fonte de vida para a terra e para toda a humanidade, as mulheres dos filhos de Noé como

[6] Ibid., p. 58.
[7] Ibid., p. 61.

princípio de aliança de paz que Deus estabelece depois do dilúvio. (ARNS, GORGULHO e ANDERSON, 2004, p. 11).

Este foi o exemplo de mulheres que seguem o caminho do Reino: elas abrem caminho para aquelas que precisarão contribuir com a busca de vida, de identidade para o povo.

1.2 A mulher no período dos patriarcas

Rolf Rendtorff (2009, p. 37, grifos nossos) cita Albrecht Alt, no livro "Mulheres da Bíblia", na comparação com material extraisraelita, e entende os patriarcas como: *"personagens históricos cuja memória foi conservada e transmitida por diferentes grupos*. São os protagonistas das histórias de famílias dos caps. 12-50 do primeiro livro da Bíblia".

Fala-se também de outros patriarcas, para indicar os personagens citados no mesmo livro, antes da narrativa do dilúvio (Gn 6-9). Entre os nomes dos patriarcas, citam-se especialmente: Abraão, Isaac, Jacó, José.

A crítica literária evidencia sobretudo três ciclos narrativos: o ciclo de Abraão (Gn 12-25); o ciclo de Jacó-Esaú (Gn 25-36); o ciclo de José (Gn 37-50). Na forma atual apresenta-se como a história de três gerações de uma família, em uma época de grupos e clãs nômades e seminômades, que vai do séc. XIX-XVIII ao XV-XIV a.C.

Esses ciclos narrativos são mais antologias redigidas em diversas épocas com a confluência de materiais literários diversificados e ricos, provenientes de diversas culturas e ambientes sociais (PAIXÃO, MACHADO, 2003, p. 575).

Na época dos patriarcas[8] a situação da mulher era de espera. Esta fazia parte do seu cotidiano: esperar pelas decisões do pai ou irmão sobre seu destino; esperar por um marido que a acolhesse, por uma sogra que a recebesse como filha e, enfim, pela maternidade que para essa mulher era o maior sinal de bênção.

[8] Apêndice – Quadro cronológico – Os Patriarcas (Gn 12-50), Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010.

Neste mesmo período, as questões que afligiam os homens eram: o filho, a abundância na linhagem e o clã. O primogênito é a primeira e inquestionável manifestação de sua virilidade, de seu poder e de sua fecundidade. Para o primeiro, destinava-se a porção dupla de tudo quanto o pai possuísse. Ele seria sempre o próximo a liderar a família. No livro do Gênesis (49, 3) entende-se melhor a importância que a primogenitura tinha para os pais: “Rubens, tu és meu primogênito, meu vigor, as primícias de minha virilidade, cúmulo de altivez e cúmulo de força”.

Segundo estudos de Edith Stein (1999), não é fácil reconhecer e separar o que são coisas de homem ou de mulher ao se estudar a época: muitos tentaram e continuam tentando estabelecer o que pertence a cada um. Por outro lado, um elemento que pode ser percebido sobre o assunto diz respeito à urdidura na qual foi tecida a criação, a qual não deve ser impenetrável e, portanto, devemos tentar entender a que homem e mulher são chamados.

Grande parte do relato bíblico foi contada por quem se encontrava no poder, afinal – conforme destaca Josy Einseberg (1997) – os homens, os reis e os profetas tomaram as rédeas e se encarregaram da História. Porém, conforme o livro do Gênesis, na gestação do povo de Deus foram tanto os homens quanto as mulheres que fizeram tudo e colocaram em órbita a aventura de Israel.

Um exemplo de imiscuição feminina é o que ocorre com Moisés, o salvo – salvador – que recebeu a intervenção primeiro da mãe (Ex 2, 3), depois da irmã (Ex 2, 7), da filha do Faraó e, ainda mais uma vez, da sua mulher Séfora (Ex 4, 24). Sem estas ações, a história seria outra, não haveria quem conduzisse o povo rumo à libertação da escravidão (ARNS, GORGULHO e ANDERSON, 2004, p. 11).

As mulheres dos primeiros tempos, por intermédio da espera constante e da intuição, demonstram ser “fora do comum”. Não cessam de ter iniciativas, tanto para favorecer os nascimentos como para preservar a vida. De acordo com Edith Stein (1999), elas parecem ler o futuro e fazem escolhas surpreendentes, sempre de forma ponderada.

1.2.1 A maternidade

Ver Sara privilegiar Isaac no lugar de Ismael (Gn 21, 10). Rebeca faz com que Jacó receba a bênção em lugar de seu irmão Esaú, roubando-lhe a primogenitura (Gn 27, 18). “É a ela que Deus revelará os planos que tem para seu filho, Jacó” (ARNS, GORGULHO e ANDERSON, 2004, p. 11). Vê-se que essas mães não são passivas, como às vezes se espera das mulheres daquele tempo.

Elas fazem escolhas que favorecem a vida (EISENBERG, 1997, p. 33): “(... estas mulheres não se contentam em lutar para se tornar mães, em “escolher a vida”, como diz a Bíblia. Elas escolhem também uma certa qualidade de vida.)”, lutam para tornarem-se mães nas situações mais adversas, desafiando as leis, a sociedade e a biologia. Enfrentam a discriminação que atinge seus filhos, são esposas devotadas em busca de amor. É o caso de Sara, esposa de Abraão e mãe de Isaac aos noventa anos de idade. Foi a mulher que sofreu com o desprezo de sua serva Agar até vencer a esterilidade (Gn 16, 4).

O mesmo ocorreu com Ana, uma das esposas de Elcana (1Sm 1, 5-7). Após muita tristeza e sofrimento, ela consegue chegar à maternidade depois de fazer um voto a Iahweh: caso seja ouvida e consiga gerar um filho, este será consagrado inteiramente a Iahweh dos exércitos, pois desta forma cessará a humilhação a qual Fenena, a outra esposa, a submete. Assim também ocorre com Raquel e Lia, a primeira mais amada, porém estéril, a segunda, fecunda, mas desprezada pelo esposo Jacó.

1.2.2 Filhos do concubinato

Ismael (Gn 16, 15) foi o filho que Abrão teve com a serva de sua esposa Saraí. Ela era uma egípcia e se chamava Agar. Saraí diz a Abrão: “Vê, eu te peço: Iahweh não permitiu que eu desse à luz. Toma pois a minha serva. Talvez, por ela, eu venha a ter filhos” (Gn 16, 3).

Raquel faz uma proposta a seu marido Jacó a fim de poder tornar-se mãe e diz: “Eis minha serva Bala. Aproxima-te dela e que ela dê à luz sobre meus joelhos: Por ela também eu terei filhos”. *Dã e* Neftali foram os filhos da união de Jacó com Bala (Gn 30, 3-6).

Lia, a primeira esposa de Jacó, vendo que havia deixado de ter filhos, dá a Jacó sua serva Zelfas. Esta gerou Gad e Aser, um e depois o outro filho para Lia e ela diz: “Que felicidade! Pois as mulheres me felicitarão” (Gn 30, 9-13).

O comentário da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 53h) diz que o direito mesopotâmico garantia a uma esposa estéril a possibilidade de gerar através de sua serva, por isso, elas davam aos maridos às suas servas para gerarem através delas e reconhecerem como seus os filhos nascidos desta união.

Desses relatos pode-se refletir sobre os filhos do concubinato, conforme escreve Eisenberg (1997, p. 14), isto é, o processo das esposas estéreis que oferecem as criadas para gerarem por elas com seus esposos, acabando como presas do modelo. Todas são vítimas de inveja: caso de Raquel frente à Lia (Gn 30, 1), mas também de Lia frente à Raquel (Gn 30, 9) e do desprezo que ocorre com Sara perante Agar (Gn 16, 4).

Neste emaranhado de mulheres, desde as estéreis até as que enganam para gerar, ou as que usam como recursos avatares, existem mais dois casos de mulheres estéreis que vale a pena mencionar. O primeiro é o caso da mãe de Sansão, a quem a Bíblia não cita o nome, mas mostra como Iahweh a escolhe para ser a mãe daquele que livrará os israelitas dos quarenta anos de dominação. Para que isto ocorra. lhe envia o seu anjo e a prepara para receber aquele que será consagrado à Iahweh. Este envio mostra que a suas orações foram ouvidas por Deus.

Depois, o marido implora a Iahweh que o anjo venha mais uma vez, pois necessita compreender o que deve ser feito quando o menino nascer. Mais uma vez as preces são ouvidas e o anjo de Iahweh aparece uma segunda vez. Ela gera um filho e ele será um nazireu, um escolhido, um separado.

A mulher engravidou, o menino nasceu, as promessas se cumpriram. A primeira a saber foi a mãe porque a prole pertence a ela e porque as suas orações foram ouvidas. Ela era uma mulher de fé e gerou aquele a quem Deus reservou para livrar o povo das mãos dos filisteus.

A outra mulher é Ana, esposa de Elcana; em seu caso, não há concubinato, uma vez que Fenena também era esposa, mas esta viveu um grande drama antes de atingir a maternidade. Foi também uma das mulheres que orou e chorou muito por um filho. Sua rival, a segunda esposa de Elcana, chamada Fenena, humilhava e ofendia Ana. Embora Ana fosse mais amada pelo marido que se dobrava de atenção durante a peregrinação anual ao santuário de Silo, nada estancava suas lágrimas. A recompensa pela autêntica piedade dela chega com o seu filho fruto da promessa – Samuel.

A prática do concubinato era corrente na época. Por meio de tal mecanismo de geração, a mulher permite que haja a continuidade do nome do marido, do clã ou da família. Eisenberg (1997, p. 20) diz também que “a mãe adotiva exerce o papel de parteira. Ela recebe o recém-nascido sobre seus joelhos” e este é um sinal de benção.

A língua hebraica faz relação muito íntima entre a palavra e o seu significado. Eisenberg (1997, p. 20) afirma que a raiz da palavra *brk* – que designa joelho – é a mesma de bênção. Dobrar os joelhos, sinal de adoração e, portanto, bênção, tem uma relação sutil com o termo usado para o ato de parir ou receber a criança sobre os joelhos. Ambas as ações são consideradas uma bênção.

A mulher hebreia no período bíblico, pela busca constante da maternidade, era sujeita a questões de ordem social, econômica e cultural. Às vezes, parece discriminada e vítima de sexismo. Porém Eisenberg (1997, p. 18) afirma que não é exagero algum dizer que a Bíblia tem uma atmosfera de profunda consideração pelas mulheres.

Vários textos bíblicos mostram as lutas travadas pelas mulheres na conquista de espaços; à primeira vista, as batalhas parecem pequenas, mas para a época são de fato passos muito grandes tendo em vista tudo que elas suportam para alcançar a maternidade.

Eisenberg (1997) diz que pelo instinto de preservação, conservação ou de sobrevivência da espécie, as mulheres têm ações difíceis de entender, mas que estão adequadas ao seu tempo. Por exemplo: as duas filhas de Ló praticam incesto com o próprio pai, após embebedá-lo, por conta de uma questão cultural e social: a família se sente ameaçada a desaparecer.

Tamar por questões sociais e culturais vai atrás da maternidade enganando o sogro enganador, tem a vitória sobre a viuvez e acaba por gerar pela luta por seu direito de ser resgatada, conforme relatado a seguir.

O texto de Gênesis (38, 15) conta a história da viúva Tamar que fica à beira de uma estrada a fim de cobrar o que lhe é devido; ainda que indiretamente, e de forma inimaginável persegue o que a lei diz que o sogro lhe deve. Tira as vestes de viúva, cobre o rosto e é tomada por ele como uma prostituta. Judá, seu sogro, beneficia-se de seus favores e lhe entrega um penhor discriminado por ela: o selo e o cordão, mais o cajado: “O selo enfiado num cordão e o cajado são objetos pessoais, verdadeiras provas de identidade”[9]. Judá promete à prostituta um cabrito. Porém ao tentar cumprir a obrigação, o emissário encarregado da entrega não a encontra e os homens do lugar disseram não haver nenhuma prostituta naquela região. Não sabiam de quem se tratava.

Por volta de três meses depois chega aos ouvidos de Judá a notícia que a nora prostituiu-se, pois está grávida. Pelo poder que ele tem enquanto sogro manda que a tirem de casa e a queimem viva. Ela então pede para que digam ao sogro que ela estava grávida da pessoa a qual pertenciam os objetos enviados por ela. Judá reconhece tanto os objetos quanto a injustiça que praticara.

O que nos interessa no texto, como aborda Eisenberg (1997, p. 216), é que ele não esconde o fato do seu emissário nem da comunidade. O encontro com uma prostituta não era, à época, considerado desonra.

A lei dizia que o dinheiro dela não poderia ser levado à casa do Eterno, porém, a prostituta não perdia seus direitos de mulher e poderia, inclusive, casar-se, desde que não com um sacerdote (Lv 21, 7). No entanto, a lei também dizia que

[9] Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010. Nota de rodapé, p. 85.

Tamar, a nora viúva acusada de prostituir-se, podia ser condenada à pena de morte, pois foi denunciada pelo sogro (Gn 38, 24).

Percebe-se nas filhas de Ló e três gerações mais tarde na viúva Tamar que os casos nada têm a ver com amor ou satisfação sexual. O risco ao qual as mulheres citadas até aqui se sujeitam é para serem mães, isto é, elas se submetem a diferentes desafios para atingir o que para elas é o ponto mais alto da vida: a maternidade.

Ainda que se trate da forma inusitada utilizada por algumas se vê que estas mulheres não parecem sofrer nenhum tipo de discriminação ou misoginia. Sobre elas, a Bíblia narra os fatos com naturalidade sem juízo moral (EISENBERG, 1997).

No entanto, algumas palavras e expressões são recorrentes no texto do Antigo Testamento e muitas vezes aparecem no gênero feminino ou associadas a passagens ligadas à mulher. Tais palavras causam um impacto sociocultural[10], embora Eisenberg (1997) fale que na Bíblia não são citados mais do que uns poucos casos de mulheres prostitutas.

O que chama atenção são os casos de prostituição entendida como infidelidade, principalmente por parte do povo que com frequência se desviava do caminho de Iahweh e se deixava levar por outros deuses. Mas a citação sempre vem com conotações femininas. Se para o povo hebreu a semântica é tão importante, é provável que o uso de palavras com conotação negativa ligada ao universo feminino tenha algum impacto.

Um indício de tal afirmação era a discriminação tanto social quanto religiosa a que as mulheres eram submetidas, pois recomendava-se a todo homem judeu piedoso a fazer a seguinte oração diária:

> Bendito és tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que não me fizeste nascer pagão (ignorante), Bendito és tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que não me fizeste nascer nem escravo, Bendito és tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que não me fizeste nascer mulher. (FABRIS e GOZZINI, 1986, p. 211).

[10] Adúltera AT (Lv 20,10; Pr 6,26; 30,20; Is 57,3; Ez 16,32; Os 3,1); devassa (Is 57, 3); infiel (Ex 21, 8; Nm 5, 12; Nm; Jz 19, 2; Ez 23, 5; Ml 2 14, 15); desonrada (Lv 21, 7;14; Is 23, 12)

Peter Brown (1990) ao avaliar o contexto que influenciou as ações dos homens do Império Romano faz uma advertência, pois teve acesso apenas à classe dos mais abastados para analisar e reconstruir parte do contexto da realidade acerca do casamento e do comportamento sexual da época; ainda assim, o autor apresenta uma informação preciosa: o comportamento dos homens de séculos anteriores continuou a influenciar o pensamento dos homens do século II d.C.

Os jovens das classes privilegiadas do Império Romano cresciam sob o ponto de vista do domínio, a tal ponto que os fazia entender que eles eram inalteravelmente acima das mulheres, dos escravos e dos bárbaros. E mais, entre eles e as mulheres havia uma hierarquia baseada na própria natureza:

> Biologicamente, diziam os médicos: os homens eram os fetos perfeitos que haviam realizado seu potencial pleno. Haviam reunido um excedente decisivo de “calor” e de um ardoroso “espírito vital” nas etapas iniciais de sua coagulação no ventre. A ejaculação quente do sêmen masculino provava isso: “Pois é o sêmen, quando dotado de vitalidade, que faz com que nós, homens, sejamos quentes, vigorosos nos membros, pesados, com boa voz, intrépidos e fortes no pensar e no agir”.
> As mulheres, em contrastes, eram homens imperfeitos. (BROWN, 1990, p. 20).

Com tal argumento, os médicos provavam cientificamente que a mulher era inferior ao homem, por ser menos vigorosa, menos forte, de pensamentos inferiores e até a sua voz não era tão boa quanto a dos homens. E se o sêmen quente é que produzia o homem forte, como seria o que produzia a mulher?

E como o calor da mulher era insuficiente, a própria menstruação demonstrava que elas não conseguiam queimar os excedentes pesados que houvesse no interior de seus corpos. Porém, para justificar a perfeição do Criador, que não havia de criar uma metade imperfeita, justifica-se dizendo que “os excedentes eram necessários para alimentar e conter a cálida semente masculina produzindo assim filhos” (BROWN, 1990, p. 20). Vale ressaltar que tais afirmações vinham sendo feitas há mais de meio milênio. A mulher há muito era restringida a

um nível de inferioridade e isto era considerado “hierarquicamente natural”, sem nenhuma margem para questionamentos.

Neste sentido, cabe uma questão: será que de fato o nascimento de uma filha era comemorado como apresenta Eisenberg (1997)?

1.3 A mulher na literatura sapiencial

Assim como aparecem termos que depreciam, em contrapartida, existem vários textos que exaltam as mulheres. O livro dos Provérbios, por exemplo, fala sobre as virtudes das mulheres sábias que constroem os lares ou das que são muito mais do que apenas os bens: “A sabedoria edifica sua casa, a Estultícia a derruba com as mãos” (Pr 14, 1); ou patrimônio paternos porque elas são os verdadeiros dons de Deus: “casa e fortuna são herança paterna, mas é Iahweh quem dá mulher prudente” (Pr 19, 14).

Existe uma série de textos que versam sobre a harmonia conjugal: “É melhor um pedaço de pão seco e a tranquilidade que uma casa cheia de sacrifícios de discórdia” (Pr 17, 1); “Há três coisas que encantam minha alma, que são agradáveis a Deus e aos homens. A concórdia entre irmãos, a amizade entre vizinhos, marido e mulher que vivam bem (Eclo 25, 2). A alegria de um lar em paz, pela simplicidade, está em contraste com um lar de grande fartura, mas cheio de brigas. Esses textos expõem as três coisas que alegram o Senhor e aos homens: concórdia entre irmãos; alegria entre vizinhos e harmonia entre marido e mulher.

Também aparecem nestes relatos: “Quem encontrará a mulher de valor? Vale muito mais do que pérolas. Nela confia seu marido, e a ele não faltam riquezas; Traz-lhe a felicidade e não a desgraça, todos os dias de sua vida; Adquire a lã e o linho, e trabalha com mãos hábeis” (Pr 31, 10-13; 14-31).

Os passos do marido que tem uma mulher virtuosa são louvados e ele é enobrecido pela esposa que o ajuda a ser reconhecido na comunidade. Ou ainda, os conselhos diversos que o livro do Eclesiástico dá ao homem que não se afasta da

mulher sábia, pois a bondade dela vale mais do que o ouro (Eclo 7, 19) são mais exemplos da importância da figura feminina na Bíblia.

Todo esposo almeja por uma esposa perfeita e fecunda. Ele também espera que com diligência ela organize a casa e os bens e cuide dos filhos. Isto se espera de quem goza de certo prestígio no lar, isto é, daquela que é cantada em versos como a mulher perfeita (Pr 31, 10-31).

Vamos ampliar alguns temas que aparecem de forma marginal nestas páginas. O contexto apresentado até o momento serviu para visualizar algumas situações sobre os primórdios, com enfoque especial em como homem e mulher eram vistos como companheiros e complementares durante a criação do mundo; passamos pelos patriarcas que apresentam uma visão de mundo um pouco diferente, na qual a mulher deixa de ter a leveza da companheira e ajudante de Adão e passa a lutar pela maternidade, isto é, pela perpetuação da família e a partir de então passa a ser controlada pelo pai, pelo irmão e pelo sogro e/ou sogra.

O estudo de Eisenberg (1997) faz todo um esforço para apresentar uma sociedade hebreia que, embora pareça limitar a mulher, apenas cuida dela e não a marginaliza. Muito pelo contrário: a sociedade hebreia vê com um enorme respeito essa mulher que luta pela maternidade, mesmo quando ela se utiliza de meios “ilícitos” para conseguir seu intento. Neste contexto são citados inúmeros textos e ou relatos bíblicos que enaltecem a mulher e, quando aparecem algumas situações com atitudes aparentemente incompreensíveis, não há nenhum julgamento de valor.

O autor Eisenberg, é rabino e judeu, apresenta uma visão bastante positiva da mulher hebreia. Porém, sente-se a falta de uma explicação sobre a espiritualidade da mulher e de como é sua formação religiosa.

Pelo esforço empreendido na busca da maternidade, o que elas fariam para garantir o bem maior para os filhos escolhidos ou indicados por Deus? Há de se esperar que elas tenham a preocupação de dar à sua prole também uma formação religiosa?

Pelo que consta, quando as mulheres rompem com as estruturas da época e garantem a bênção do pai para outro filho que não era o mais velho, elas também

violam as leis. Mas como era a formação delas acerca de tais leis? Qual o conhecimento que tinham sobre as regras?

Conforme destaca o Dicionário Teológico Enciclopédico (2003) – O vocábulo *lei* entre tantas definições traz: “a lei (em hebraico: *torah*; em grego *nómos*) é a forma assumida pela Palavra de Deus para plasmar pedagogicamente e de diversos modos (religioso, moral, cultual, social, higiênico etc.) a existência do homem na história do povo de Israel”.

De uma forma ou de outra, as mulheres deveriam ter contato com a lei ainda que pela via da oralidade, pois a lei estava muito além do culto ou da religião: ela tinha a ver com a vida de modo integral.

O autor Eisenberg (1997) conta que havia uma prática corrente no tempo dos patriarcas: as mulheres por muito tempo viviam, ainda que casadas, em suas casas e longe de seus maridos. Estes as visitavam apenas para as relações amorosas. Sabemos que Isaac, por exemplo, conduz sua esposa Rebeca para a tenda de sua mãe (Gn 24, 67). Assim como Lia vai ao encontro de Jacó para conduzi-lo à sua tenda (Gn 30,16). Desta forma, as mulheres necessitavam de certos conhecimentos e algum tipo de autonomia para assumirem a educação e gestão de suas casas.

Os primeiros hebreus considerados seminômades são aqueles que deixam a Babilônia e um novo contexto socioeconômico marcará o povo que trará na sua carteira de identidade o nome do pai: os homens passam a ter todos os poderes. A célula-base da família, chamada “mishpahah”, engloba esposa ou esposas, os filhos legítimos, as noras e netos, viúvas, a mãe, sobrinhos, sobrinhas e os filhos do irmão – que são chamados de irmão – e eventuais concubinas e seus filhos, escravas e seus filhos.

A mulher perfeita era a que conseguia cuidar de toda a estrutura e fazê-la funcionar; isso era um grande mérito, o qual trazia muito respeito para o marido perante a comunidade. Mas fazer a gestão de tantas pessoas não exigiria certo conhecimento religioso?

Ao tentar compreender o período usando uma lente própria para o tempo, observa-se que quando Sara (Gn 21, 9-10) e mesmo Rebeca (Gn 25, 28)

conseguem a primogenitura para os filhos caçulas, elas desafiam as estruturas. Mesmo assim, nenhuma sanção direta a elas – que não atendem a determinação do marido e nem da lei – é aplicada. Isso seria porque as mulheres eram vistas como menos importantes, como crianças sem o devido juízo e, portanto, não valeria a pena serem admoestadas?

O clã se torna tribo e as tribos formam o povo. O modelo antes baseado na matrilinearidade passa a ser de patrilinearidade. O clã gera grande coesão no povo, a vida comunitária estava baseada nas relações familiares que suscitam um sentimento de pertença[11]. O filho passa a levar consigo o nome da família paterna. Porém, é a mulher quem transmite a descendência: só é considerado judeu filho de mãe judia. Para quem não tem tanto poder, parece estranha esta situação. Poderia ser uma possível explicação: não haveria dúvida quanto à origem do filho?

1.3.1 O profetismo: quem era o profeta?

Fixando o olhar no primeiro milênio percebe-se que o binômio esterilidade-maternidade transcende o mundo feminino e tem um profundo impacto em um período posterior: dos profetas. A linguagem era utilizada para expressar a preocupação que se tinha com o destino de Israel, por isso faziam uma série de advertências ao povo.

Não era tão claro entender quem era de fato a pessoa do profeta. O profetismo não era considerado uma atividade religiosa propriamente dita ao contrário do que ocorria com os sacerdotes, porque o profeta às vezes era alguém que se despojava de suas vestes e entrava em transe (1Sm 19, 19-24) outras vezes interpretava sonhos (Dt 13, 2-4) ou ainda realizava consulta direta a Deus (1Sm 28, 6-15). Apareceram os que ganhavam a vida com suas profecias (Am 7, 12) ou os que eram considerados importantes como Samuel (1Sm 3, 20) ou ainda os que guiaram o povo como Moisés (Dt 18, 15-18). A preocupação dos profetas é de que o

[11] Fato é que passam a nomearem as cidades importantes por "cidade mãe de Israel" (2Sm 20, 19) honra que cabe às cidades que exercem papel cultural eminente – Toledo, Praga ou Vilna. Ao que consta, continua um forte sentimento matriarcal, embora de forma diferente, agora ele está aliado às estruturas. O povo ao se referir ao país fala de mátria ao contrário do ocidente que se refere à pátria.

povo abandonasse o Deus de seus pais da tradição e se voltasse para os deuses dos povos vizinhos.

Na economia da salvação faziam parte do sagrado os sacerdotes e os profetas. Os primeiros expressam a vontade ordinária de Deus, o homem das horas alegres, o segundo da situação extraordinária e, consequentemente, o mensageiro dos tempos de crise.

Num período de vários deuses, pítons e mágicos, valia quase tudo, inclusive adivinhação do futuro por meio da observação de animais. Gregos e romanos formaram um grupo seleto de sacerdotes que ganharam fama com tal prática, a ponto de realizarem orações direcionadas aos que necessitavam de respostas de base divina com a seguinte oração: “Samas, senhor do juízo, Adad, senhor da adivinhação. Para que N.N., filho de N.N., possa realizar com êxito o seu propósito, fazei com que este pássaro ou aquele outro voe do meu lado direito e (passe) para o meu lado esquerdo” (SICRE, 2008, p. 34).

O Catecismo da Igreja Católica (2000, p. 30) parágrafo 64 diz que: “Deus forma seu povo na esperança da salvação” e que uma das atribuições do profeta era de preparar o povo. A proposta é a de conservar sempre presente a ideia de fidelidade e a lembrança da aliança que Deus fez, continuava fazendo (e faz) com o povo.

Assim, os profetas destinavam suas palavras para todos os homens. Eles anunciavam “uma redenção radical e solicitavam a purificação de todas as infidelidades” (CATECISMO, 2000, p. 30). Os portadores desta esperança eram principalmente os pobres e humildes.

A vida religiosa era exercida pelo mundo masculino desde as funções mais valorizadas até as mais simples, além dos sacerdotes e dos profetas também existam os feiticeiros. Eisenberg (1997) diz não existir na Bíblia falso sacerdote (CATECISMO, 2000, p. 268), no entanto, há uma profusão de charlatões, falsos profetas, feiticeiros e mágicos que de certa forma acabavam influenciando a vida pública.

A pretensão de desvendar o futuro atravessa quase toda a história bíblica. O Antigo Testamento menciona os magos e sábios (Gn 41, 8-24), os adivinhos, os que faziam presságio, e tais práticas aparecem nos edomitas, nos amonitas, nos babilônios, passando pelos fenícios e chegando a Canaã (Dt 18, 9-11). Os profetas do Baal (1Rs 18,19-25.40) que interpretavam os sinais e os sonhos para o Faraó.

E quanto às profetisas?

O profetismo é a ação daquele que denuncia as injustiças. Nada mais justo que algumas injustiçadas também elevem a sua voz. Em meio a tantos profetas, algumas mulheres conseguiram romper a grossa camada da invisibilidade e serem reconhecidas também como profetisas. Talvez sejam as que mais se destacaram ou as que conseguiram furar o bloqueio em um momento propício e acabaram fazendo parte da história registrada.

Em um mundo em que a maior parte do tempo foi altamente patriarcal, o fato de essas mulheres profetisas serem nominalmente citadas pode indicar que apenas algumas apareceram, porém poderia existir outras.

Na Sagrada Escritura aparecem as mulheres profetisas que mantiveram viva a esperança da salvação em Israel. Elas eram pregadoras muito eficazes, mulheres da palavra e inspiradas; assim como todo profeta, elas tomavam distância do presente a fim de antecipar e desvelar o futuro: Deus que falava nelas e por elas.

Outros exemplos são de: Débora – que exercia o papel de juíza em Israel (Jz 4, 4-9); Myriam ou Maria – assim chamada por ser irmã do profeta Aarão (Ex 15, 20); a esposa de Isaías – o nome dela não é citado (Is 8,3), Hulda a mulher de Selum, filho de Técua (2Cr 34, 22); Noadias citada no livro de Neemias (Ne 6, 14), as profetisas citadas por Ezequel (Ez 13, 17-19) e Ana aquela que profetizou para Maria e José, sobre Jesus, no Templo (Lc 2, 36-38).

Dando um salto na história entre os séculos X a III antes da era cristã (EISENBERG, 1997, p. 16), muitos acontecimentos ocorreram até que a mulher passasse de companheira e ajudante para Eva, a mãe dos viventes, trazendo consigo a marca daquela que perdeu o lugar no Éden.

Ana Tepedino (1990) apresenta todo um contexto da vida da mulher etrusca, pois junto com a grega influenciou a vida da mulher romana frente aos desafios da nova ordem social iniciada na Grécia e depois espalhando-se por todo o mundo, após Alexandre desarticular a Polis (século IV a. C.).

Os homens, antes tão ocupados em pensar a estrutura e o funcionamento político da cidade, agora devotavam o tempo para si para apreciar a arte, os animais e os esportes. Parte da atenção também é voltada para aqueles que antes eram considerados menores: escravos, mulheres e crianças. Homem e mulher passam a ser tratados por *Kyrie e Kyria* (senhor e senhora) equiparando o *status* de ambos.

As mulheres participam da vida pública, das olimpíadas, de recitais. Isto é o que contam alguns especialistas sobre a posição privilegiada da mulher etrusca. Algumas atingiram as profissões e até chegaram a funções ligadas à medicina. A condição da mulher mudou, ela deixou de ser unicamente responsável pela reprodução dos herdeiros e proprietários e passou a ter possibilidade de serem as proprietárias.

As mulheres poderiam participar das religiões mistéricas, dos cultos extáticos e das escolas filosóficas. Tepedino (1990, p. 63) também diz que ao observar a disposição dos túmulos via-se o *status* que elas tinham, pois conforme os destaques sabiam se elas eram consideradas de essência superior suscetível à divindade.

A mulher grega, por influência das etruscas, pressiona por mais igualdade no período helenístico (TEPEDINO, 1990, p. 64), Desta forma também a mulher romana e outras que em diferentes estágios de penetração sofreram um pouco das influências da cultura etrusca.

Durante praticamente quinze séculos de uma história escrita por homens – arriscando uma metáfora – são elas a tinta da pena que desliza sobre o papel. Por isso percebe-se a profunda ligação destas mulheres com um Deus que como elas, silenciosamente, atua na história, escreve e muda destinos. Muitas vezes elas não têm explicação para o que fazem, trata-se de pura inspiração e intuição.

Outra visão um pouco mais judaica reconhece que a história foi escrita pelos homens e que a mulher era submissa a várias autoridades por força de

circunstâncias históricas, mas não era desvalorizada. À mulher eram vetados os ritos religiosos e o acesso à Torá dentro do Templo, sem mencionar que a mulher ainda era cercada pelo perigo constante da impureza.

1.3.2 A mulher na transmissão da fé

Há poucas mulheres e poucas coisas escritas sobre elas. Para se ter um panorama dos acontecimentos e da importância das mulheres nos primórdios, às vezes se faz necessário analisar o que o texto não diz. A samaritana, a viúva, a prostituta. Seus nomes não constam nos textos, mas quem eram estas invisíveis que são citadas apenas por alguma alcunha?

Deve-se tentar compreender o porquê delas ficarem praticamente anônimas e também por que deixam de ser tratadas pelo nome e muitas vezes são identificadas com os seus afazeres, sua naturalidade ou pelo parentesco.

É dentro deste universo que as mulheres transmitem a fé, de maneira muito discreta aos que a ela estão próximos. O canto que Miriam entoa após o evento do Mar Vermelho, que culmina na libertação dos hebreus cativos no Egito, inflama a todas as mulheres e as instiga a saírem cantando e dançando enquanto repetiam: “Cantai ao Senhor porque estupenda foi a vitória; Cavalo e cavaleiro ele jogou ao mar” (Ex 15, 20-21).

A profetisa Miriam, irmã de Moisés e de Aarão, era importante na vida litúrgica do povo. Nas liturgias antigas, todo o povo participava, tocando instrumentos, cantando e dançando. Nessa tradição, as mulheres profetisas criavam cânticos de louvor e lideravam o povo na dança litúrgica (ARNS, GORGULHO e ANDERSON, 2004, p. 33).

Miriam louvou; ela como profetisa agia como porta voz de Deus. Uma atitude coerente daquela que fala em nome de outra pessoa é, minimamente, que a conheça, acredite e tenha admiração ou respeito por ela. Miriam faz o papel de mediadora entre Deus e as mulheres que a seguem. Elas louvam porque entendem

o alcance do Deus que libertou o povo por amor. Elas entendem o papel de Miriam como mediadora. Ela transmite fé.

Assim como Miriam, encontramos nos livros históricos várias outras mulheres que tiveram papel relevante no processo de luta do povo de Deus. Elas que defendiam, profetizavam e eram os verdadeiros sinais que acompanhavam o povo na sua marcha.

Débora era juíza e julgava em Israel, ela tinha sua sede à sombra da palmeira de Débora. Ela foi para o campo de batalha junto com Barac e, após a vitória, juntos entoaram um cântico, pois Deus humilhou Jabin, rei de Canaã (Jz 4,5).

O título de Juízes, em hebraico *sophetîm*, em grego *Krîtai*, reporta-se à justiça. Em sentido bíblico, entendida como fidelidade. São chefes militares suscitados por Iahweh para "salvar" Israel, são chamados de salvadores, libertadores, de acordo com o Dicionário Teológico Enciclopédico (2003). Portanto ela [Débora] é percebida como salvadora e libertadora por ser fiel a Deus.

Para exercer o cargo tanto de juíza quanto de profetiza, era necessário ter um conhecimento da lei/religião para poder praticar a justiça esperada por Deus e assim ser a base de modelo para outras mulheres no conhecimento e na apropriação do conhecimento.

A difusão da cultura, da arte, da liturgia escrita por um grupo homogêneo tende a obscurantizar outros grupos. O papel dos líderes religiosos foi fazer com que as mulheres permanecessem no ostracismo. Não se sabe bem o porquê, porém, destaca-se que a mulher esteve sempre abaixo do domínio masculino, pois saía das mãos do pai para as mãos do marido, eternamente distante das coisas sagradas e com uma impureza quase permanente. Todos estes fatos foram os construtores do bloqueio feminino.

Deve-se ter um olhar muito atento para as poucas mulheres que conseguiram rasgar e irromper o ventre do silêncio e chegar com seus feitos históricos nas Escrituras a fim de se perpetuarem. Pode significar que não foram as únicas, mas foram as que ultrapassaram o bloqueio para que se soubesse que as mulheres não foram passivas.

São elas: Maria ou Miriam nome que em hebraico significa “amada” em aramaico “o Senhor é Deus”. Débora que foi denominada mãe de Israel (Jz 5, 7) sua força suscita a força em outras mulheres (Jz 5, 24). Hulda faz um alerta e chama à consciência elevando a fé quando ajuda o rei Josias a realizar a reforma religiosa e também a se comprometer com a conversão (2Rs 22, 14-20).

Estas são as mulheres de fé. Estas são as profetisas. Estas são as amadas do Senhor. São aquelas que ultrapassaram barreiras. São as líderes que se impõem além e acima do patriarcado pela fé.

Capítulo II: A mulher e o cristianismo nascente

Neste capítulo abordaremos o cristianismo na perspectiva de duas mulheres, Lídia e Priscila (Prisca) nos Atos dos Apóstolos, com destaque para o papel destas mulheres na disseminação da fé nas igrejas domésticas e como abriram, chefiaram e estimularam a tantos outros que aderiram a fé por meio do testemunho e apoio delas.

2.1 Característica das comunidades primitivas

> Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo. Ainda a eles, apresentou-se vivo depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne ao Reino de Deus. Então no decurso de uma refeição com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai, "a qual, disse ele, ouviste de minha boca: pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias" (At 1, 1-5).

Logo após a morte de Jesus, o autor dos Atos dos Apóstolos relata a um certo Teófilo, possível financiador da composição e difusão do livro, sobre o que se passou "naqueles dias", conforme nos aponta Comblin (1988, p. 72).

O nome Teófilo ou "*θεόφιλος*" (Theóphilos) significa "amigo de Deus"[12]. Sendo assim, o relato pode ter sido dirigido a todos os que possam ser amigos de Deus, aos que escutam e praticam a sua palavra e não a uma pessoa específica.

A linguagem expressa todo um pesar pelos fatos ocorridos, mas ao mesmo tempo manifesta a esperança depositada nos feitos, palavras e promessa da vinda

[12] Conforme o Blue Letter Bible. Disponível em: <http://www.blueletterbible.org/lang/Lexicon/Lexicon.cfm?strongs=G2321&t=KJV>. Acesso em 31 maio 2014.

do Espírito Santo. Ele [a tradição chama de Lucas] dá testemunho porque tudo é fruto da verdade, de provas, segundo ele mesmo afirma, incontestáveis.

O autor relata que após o período que seguiu os acontecimentos com Jesus, os apóstolos entravam na cidade, subiam para a sala onde costumavam se reunir e todos eles perseveravam na oração em comum junto com algumas mulheres.

Jesus estava na contramão do seu tempo. Todos viviam segundo a lei e ela tornou-se muito maior do que as pessoas, na verdade, a lei passou a ser um peso para elas. Tal situação gerou enormes desigualdades, como em todas as sociedades: com poucos abastados e muitos empobrecidos e marginalizados.

As mulheres eram consideradas incapazes, intelectualmente deficientes. Não tinham vez nem voz nas esferas política, social, cultural e religiosa e, portanto, deveriam ficar confinadas à esfera doméstica. As mulheres tinham um único papel louvável e reconhecido: o de reprodutoras.

Ainda assim, como eram consideradas sedutoras e tentadoras era recomendado que se mantivessem reclusas em casa, assim se teria certeza da legitimidade dos filhos, o que ocorria com a maioria das mulheres, salvo exceções a seguir.

Era o caso de uma minoria de mulheres oriunda de famílias ricas que tinham acesso à educação e algumas chegaram a se destacar. Mas havia também as que por necessidade de sobrevivência e/ou pela extrema pobreza precisavam sair e trabalhar, obtendo desta forma certa autonomia.

Tepedino (1990, p. 84) fala que a religião ocupava um espaço entre o privado (que se tratava da esfera principalmente feminina) e o público (da esfera masculina) sendo assim permitia a participação das mulheres. Mas no judaísmo tardio e da diáspora pioraram muito as restrições e leis de pureza e discriminações para com elas, que tinham como justificativa manter a unidade e identidade dos judeus.

A situação das mulheres se torna muito especial com a nova ordem trazida pelo evangelho de Jesus, no qual elas sentem-se inseridas. A forma igualitária do relacionamento de Jesus com elas mostra o caráter subversivo do movimento. O acolhimento com amor e misericórdia as instiga a fazer coisas nunca antes

pensadas. Às mulheres é restituída a verdadeira dignidade como filhas amadas de Deus.

A prostituta se aventura a entrar na casa de um judeu a fim de lavar os pés de Jesus, ungir com óleo perfumado e secá-los com os cabelos (Lc 7, 37-39). A mulher impura há doze anos, que não devia se aproximar das pessoas e sempre avisar para todos a sua condição de impureza, entra no meio da multidão e toca a roupa de Jesus, fica curada imediatamente (Lc 8, 43-44).

2.2 Retrato da comunidade primitiva

Os ricos, proprietários de grandes porções de terras, geravam a fonte de renda econômica e esta lhes proporcionava poder político e prestígio. Eles exerciam funções de senador, aristocrata, decurião, cavaleiro, entre outras, e faziam parte da nobreza.

Esses proprietários viviam comodamente sem restrições, embora os comerciantes, armadores, artesões, transportadores e marinheiros não fizessem parte da classe mais abastada. Havia também a pequena burguesia, com um nível bem mais baixo que a aristocracia; encontravam-se entre eles os pequenos comerciantes e os armadores com pequenas companhias capitalistas.

Os pobres, também conhecidos como *ptokhos* (COMBLIN, 1988, p. 33), termo que significa “mendigos”, eram os que sobreviviam ou vegetavam nas cidades. Eles consistiam em: cegos, aleijados, velhos, crianças, mulheres abandonadas, viúvas, doentes, desempregados, biscateiros, jornaleiros, trabalhadores das construções, transportadores de água, meninos de recado, pessoas que ofereciam diversos serviços caseiros com risco constante de desemprego.

Os *ptokhos* viviam nas cidades sem o pão de cada dia, dormiam em lugares públicos ou em abrigos que construíam nas periferias das cidades. Sabe-se que em Roma existia distribuição habitual de alimento aos pobres, mas não há testemunho de semelhante prática nas províncias.

Os escravos tinham certa segurança, pois podiam contar com o alimento e a moradia, embora não tivessem a liberdade. Havia também a classe considerada uma das mais tristes que era a dos maus pagadores, aqueles que não podiam pagar suas dívidas e eram reduzidos a uma quase escravidão à mercê dos credores.

Problemas políticos e econômicos deixavam a comunidade primitiva bastante fragmentada. Ela era composta por judeus, fiéis às suas leis, mas que mantinham um rígido sistema de classes que era um impedimento para que houvesse justiça social.

Todos ansiavam pelo Messias, aquele que viria para reparar a desigualdade, proteger a todos dos povos vizinhos e inimigos. Era a promessa que perdurava desde os profetas. Aguardavam por um rei majestoso e com grande poder: “No Antigo Testamento os profetas anunciavam que o Espírito do Senhor repousaria sobre o Messias esperado em vista de sua missão salvífica” (CATECISMO, 2000, p. 356). Neste contexto é que Jesus Cristo inicia sua vida pública: “A descida do Espírito Santo sobre Jesus por ocasião de seu Batismo foi o sinal para alguns de que era Ele o esperado” (CATECISMO, 2000, p. 356).

Ele dizia que não veio para abolir a lei, mas para dar pleno cumprimento a ela e com isto, Jesus iniciou todo um movimento que iria contra a corrente dos movimentos religiosos da época: Jesus denunciou as injustiças, protegeu os pobres e as viúvas, desmascarou a hipocrisia, amparou o sofredor, incluiu os marginalizados, curou os doentes e acolheu a mulher e a estrangeira mudando a situação de exclusão que as circundava.

Um testemunho dos fatos ocorridos naquele período vem justamente de uma fonte não cristã, do historiador judeu Flávio Josefo (s/d), que em sua obra *Antiguidades Judaicas,* escreveu assim sobre Jesus:

> Naquela época vivia Jesus, homem sábio, se é que alguém assim pode ser considerado apenas um homem. Ele realizava obras extraordinárias, ensinava aqueles que recebiam a verdade com alegria e fez-se seguir por muitos judeus e gregos. Ele era o Messias (Cristo). E quando Pilatos o condenou à cruz, por denúncia dos principais da nossa nação, aqueles que o amaram antes continuaram a manter a afeição por ele. Assim, ao terceiro dia, ele apareceu novamente vivo para eles, conforme fora anunciado pelos divinos profetas e, a seu respeito, muitas coisas maravilhosas aconteceram. Até a presente data subsiste o grupo dos cristãos, assim denominado por causa dele.[13] (JOSEFO, s/d, s/p)

Flavio Josefo (s/d) trouxe informações valiosas sobre a vida de Jesus, como a dúvida sobre se ele seria apenas um homem, já que era tão sábio e realizou obras surpreendentes. Josefo (s/d) entendia os ensinamentos de Jesus como verdades e muitos, judeus e gregos, acreditaram nele e o seguiram. O autor relata sobre a aparição de Jesus após três dias de sua morte àqueles que o amaram e como estes continuaram a manter por ele afeição. Foi como os profetas haviam predito.

2.2.1 Breve história da igreja – Atos dos Apóstolos

O autor dos Atos dos Apóstolos – segundo a tradição, Lucas – narrou os fatos posteriores à morte e ressurreição de Jesus; ele ficou convencido de que era possível uma condição material melhor para todos e que a partir daí, da morte e ressureição de Jesus, também pode nascer uma sociedade de comunhão.

O cristianismo passou a ser aquele que amalgamava judeus e gentios, homens e mulheres, gregos e romanos; permitiu que todos fossem tratados como iguais. Tirou dos ombros das pessoas o peso das diferenças entre as classes sociais que segregavam; de gênero que faziam com que uns se sentissem superiores ou

[13] Em "Antiguidades Judaicas" 18,3,3 parágrafos 63 e 64, escrito por volta do ano 95 d.C. Disponível em: <http://agnusdei.50webs.com/testnc4.htm>. Acesso em 10 jun. 2014.

inferiores aos outros e desmistificou todo um sistema de pureza e impureza que punia sempre os menores da sociedade.

Ainda, o cristianismo contou para tanto com a presença do Espírito Santo, a fé e coragem dos apóstolos que se diluíram na sociedade e deram testemunho de caridade, comunhão e amor, pois pela fé em Jesus, que creram ser o filho de Deus, tornaram-se fiéis e passaram a aguardar com ardor a Parusia, o retorno de Cristo no final dos tempos. Este fato lhes deu esperança e coragem. Embora a princípio achassem que o retorno fosse em breve.

O termo apóstolo vem do grego e significa “enviado”. No Antigo Testamento, quem desempenhava este papel era a pessoa indicada para representar oficialmente o rei. Desta maneira também os profetas foram entendidos como enviados. No pós-exílio, o termo adquire um significado mais específico e é atribuído ao sacerdote e ao levita “enviado” por Deus com a função de ensinar ao povo a Torá.

O Novo Testamento amplia o significado da palavra “enviado”, a qual passa a ser mais que um título e se torna uma missão. O termo é aplicado àquele que traz a boa nova do Evangelho para a comunidade (At 15, 22). É com este mesmo sentido que Paulo sentiu-se apóstolo. Por ter sido chamado e “enviado” pelo próprio Ressuscitado.

Saulo pede ao príncipe dos sacerdotes carta de recomendação para Damasco (At 9, 1-2) onde teria livre acesso aos cristãos, porém ocorre o evento da queda, da voz, da mensagem de Cristo e do envio à cidade. Ananias também é enviado ao encontro de Saulo, para iniciá-lo. Paulo ficou cheio do Espírito Santo e começa a proclamar que Jesus é o filho de Deus. Este é o papel daquele que é enviado, daquele que é discípulo.

Uma grande dificuldade para os apóstolos, homens judeus religiosos e tementes a Deus, deve ter sido aceitarem as ações realizadas por Jesus. Para eles provavelmente foi muito difícil quebrar paradigmas milenares e criar novos: sentar à mesa com os gentios só foi possível para Pedro após uma visão que ele atribuiu ao Pai. A questão da circuncisão – primeiro se tornar judeu para depois se tornar

cristãos – ocasionou discussões no grupo dos doze. Estes, entre outros fatos, devem ter afligido os apóstolos.

O convívio e contato com as mulheres foi outra situação que necessita ser pensada, assim como a aceitação das mulheres em pé de igualdade com os homens. Como se reuniram para juntos rezar e cantar hinos em nome de Jesus?

Era novo saber que o Espírito Santo seria derramado tanto sobre mulheres quanto sobre os homens, que elas também organizariam e chefiariam comunidades e que com ardor missionário também dariam testemunho. Elas que antes eram consideradas incapazes, agora neste novo movimento seriam tratadas igualitariamente.

As mulheres foram fundamentais para a dissiminação da fé na igreja nascente, conforme a parábola dos trabalhadores da vinha dizia: “os últimos serão os primeiros” e, de fato as mulheres, as crianças, os marginalizados por diversas razões passam a ser acolhidos no “caminho” e a se sentirem respeitados com dignidade. Isso as incentiva no seguir Jesus e as torna discípulas que dão prova de serviço na dimensão do “existir para o outro”.

Paulo, nascido em Tarso, no início da era cristã, na Cilícia (At 21, 39), vive um período em Jerusalém. É educado na escola de Gamaliel, tem profundo conhecimento das Escrituras hebraicas em relação à religiosidade e à lei judaica. Participa do suplício de Estevão (At 7, 58; 8, 1) e sua investida furiosa contra a nova “seita” só cessa pelo encontro com Jesus ressuscitado. Talvez, depois de Jesus Cristo, nenhuma figura como a do apóstolo Paulo tenha sido tão determinante para a formação e a difusão do cristianismo primitivo, conforme o Dicionário Teológico Enciclopédico (2003 p. 577).

Paulo também é chamado de apóstolo dos gentios. No Novo Testamento (Atos e Cartas) ora é chamado de Paulo, ora de Saulo. A primeira, quando se autonomeia nas cartas, quando assume o nome romano e as assina; a segunda só é empregada nos Atos dos Apóstolos – as famílias judaicas da diáspora que tinham condições financeiras para adquirir a cidadania romana podiam usar os dois nomes, talvez se deva a cidadania romana de que a família desfruta. “Ele trazia consigo, da vertente judaica, o nome do rei Saul da tribo de Benjamin” (Fl 3, 5).

> O autêntico e historiador Paulo, autor de sete cartas do Novo Testamento (Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon), afirma que nas comunidades cristãs não se fazia diferença entre judeu-cristão e pagão-cristão, entre homens e mulheres cristãs, e entre cristãos livres e escravos. Todos eram considerados absolutamente iguais. (CROSSAN e REED, 2007, p. 10).

Com as cartas Paulo dá testemunho das comunidades criadas e atuantes após a ressurreição de Cristo. Essas comunidades eram sempre compostas por homens e mulheres que passaram juntos a arregimentar mais discípulos pelo fervor de suas palavras, pela fé e pelo novo modo de viver em comunidade: partilhando, socorrendo e assistindo, isto é, colocando os bens em comum.

Paulo dá continuidade ao acolhimento às mulheres iniciado por Jesus. Elas, que foram as primeiras testemunhas tanto da morte/crucificação quanto da ressurreição, continuam presentes e atuantes nas diversas comunidades e nas igrejas domésticas.

2.2.2 A gruta de Paulo e Prisca

No livro *Em Busca De Paulo* (CROSSAN e REED, 2007), o estudo iconográfico apresenta um pouco mais sobre Paulo e Tecla já na figura utilizada na capa do livro, que traz a imagem encontrada no local designado por “Gruta de Paulo”. Trata-se da imagem encontrada em uma pequena caverna incrustada na montanha em Bülbül Dag (CROSSAN e REED, 2007, p. 6) acima das ruínas da antiga Éfeso na Turquia. No lado direito da entrada da caverna há duas imagens do século sexto de Tecla e Paulo (Anexo 1).

> As duas figuras são da mesma altura, indicando iconograficamente que eram da mesma importância. Ambas têm também as mãos direitas elevadas representando o gesto de ensinar, demonstrando iconograficamente que possuíam a mesma autoridade. (CROSSAN e REED, 2007, p. 9).

Na imagem da caverna, Tecla tem o mesmo tamanho de Paulo. A figura dele se encontra no centro e a dela, na extremidade, parcialmente fora da imagem. Ambos carregam um escrito na mão esquerda. A postura de ambos é muito semelhante. O autor do livro lança algumas perguntas mediante a observação do afresco:

> Estará Tecla indo embora ou começando a retornar? A pesquisa sobre Paulo apagará a liderança, a autoridade e a apostolicidade femininas, jogando para fora da capa a figura de Tecla, ou, ao contrário, trará de volta Tecla, as mulheres e a igualdade firme e inevitavelmente à luz, até que mulheres e homens se encontrem lado a lado na plenitude da vida a partir do centro? (CROSSAN e REED, 2007, p. 11)

Para entender Paulo e sua ação evangelizadora com a inclusão integral das mulheres, deve-se ver o exemplo que Jesus deixou: o movimento encabeçado por Jesus era inovador. Tratava a todos por igual, não fazia acepção entre as pessoas, admitia ambos os sexos no anúncio do Reino de Deus, era absolutamente carismático. Jesus tinha tal força divina que cativava a muitos. Não era apenas novidade. No entanto, a outros tantos que não desejavam mudança ou questionamento da lei causava certa repulsa a ponto de organizarem as perseguições.

O relacionamento de Jesus, em especial com as mulheres, coisa impossível de ver na sociedade da época, foi revolucionário. A lei não permitia a uma mulher falar em público com um homem, no entanto, Jesus ultrapassou esse limite, o

transcendeu e foi muito além, pois Ele as acolheu, curou, tocou e, embora Ele mesmo tenha dito que não veio para abolir as leis, mas sim para dar-lhe pleno cumprimento, rompeu com o sistema de leis muito duras que vigorava à época.

O Reino anunciado trazia em seu bojo o convite ao banquete. E este era para todos, inclusive para as mulheres.

Como entender as mulheres fazendo parte do banquete? Pela participação nas assembleias não como ouvintes, mas como membros. Vê-se isso pelos relatos (Marcos 1, 29-31; 5, 23-34; 7,24-30 e Lucas 14, 15-24) de Lucas e também de Marcos: a cura da sogra de Pedro, da mulher hemorroíssa, da ressuscitação da filha de Jairo e a cura da filha da sírio-fenícia. Todos estes acontecimentos foram considerados como um desafio à ordem social porque Jesus enfrenta e desafia as leis de pureza ou de guardar o sábado, entre outras situações.

E por que estes eventos ocorrem com mulheres? Não seria com a firme intenção de incluí-las na sociedade? Lucas, ao relatar a parábola do banquete, diz que todos foram convidados e recusaram, então o convite foi estendido para os que viviam à margem da sociedade. Os doutores da lei, os sacerdotes e os outros nobres não conseguiram entender a mensagem messiânica.

E por isso o papel das mulheres na hora da ressurreição nos parece tão importante: elas são escolhidas para serem as testemunhas; lembrando que antes, elas não podiam ser testemunhas, pois não eram qualificadas; agora passam a ser ouvidas e repassam a mensagem a elas destinada. Trata-se de uma nova ordem desta nova seita que continua subvertendo costumes, cultura, sociedade e a lei ao se solidarizar com os que sofrem, com os marginalizados com os apartados.

> Lucas, mais do que Marcos, coloca a acentuação sobre o anúncio que Jesus havia feito, quando estava na Galileia. A primeira parte do discurso reproduz as palavras de Jesus. E o Evangelho nos diz que elas se lembraram das palavras de Jesus, e começaram a crer, não porque viram os anjos e o sepulcro vazio, mas porque sua memória confirma as palavras que haviam escutado de Jesus. Elas rememoram, voltam e contam aos onze e aos outros. Deparamos com mais um argumento sobre o discipulado das mulheres: ouvir a palavra, meditá-la, conservá-la viva, e ir anunciá-la aos outros, faz parte da vida de todo discípulo. (TEPEDINO, 1990, p. 57).

Com o exemplo de Jesus, Paulo dá continuidade ao anúncio do Reino, objetiva a mulher como discípula e missionária. A mulher como aquela responsável pela "casa" apresentada desde o Antigo Testamento na época dos Patriarcas. A casa que no grego "*οίκος*" (ORTIZ, 2008, p. 219) significa: habitação, família; mas pode também ter o sentido de: palácio, corte, templo, santuário, descendente, linhagem.

A casa aqui tem papel de novo espaço físico e psicológico, local onde se realizará a integração social e que se oporá ao templo e à sinagoga. Na casa ocorrerão a redistribuição dos bens, os encontros e ela será o novo local de discussão social e política. Trata-se do lugar onde serão sanados os conflitos e ocorrerá a reciprocidade, onde se praticará a partilha, o perdão o arrependimento e a inclusão de todos. Será o espaço de vida e compromisso.

Percebe-se que o templo já não é mais capaz de servir como mediador simbólico da salvação anunciada desde antigamente pelos profetas. O que ocorre é, que a casa passa a ser espaço apto a cumprir tal função. O templo, com suas autoridades, suas leis e seu controle da ideologia da pureza, representa um sistema de alienação, de exploração e de pertença exclusiva, a única mulher que age no templo é a profetisa Ana (Lc 2,36-38): ela ainda pertence ao AT. Todas as outras mulheres aparecem em casa. É aí que o Espírito vai agir, fazendo também das mulheres profetisas (At 2, 17-21)[14].

[14] PUERTO, M. N., http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/donna/bibbia/espanol/de-casa-en-casa-las-mujeres-en-la-iglesia-dome_stica-lucana.pdf.

Voltando à imagem de Paulo e Tecla, vê-se que ela sofreu uma interpolação. Quando? Não se tem data precisa. Por quê e como? A imagem foi alterada. Os olhos e a mão elevada de Tecla (Anexo 2) foram apagados. Não foram os olhos das duas imagens, se assim o fosse poderia ter sido atribuído ao antagonismo iconoclasta, "baseado na crença que negava o poder espiritual dos ícones" (CROSSAN e REED, 2007, p. 9), mesmo sem os destruir completamente. Por que somente a figura feminina foi alterada?

Ao ser desfigurada a imagem de Tecla pode-se inferir que quem o fez tinha algum tipo de intenção: seria de cegar e calar a mulher negando a igualdade entre os dois sexos mediante a autoridade apostólica?

2.3 As mulheres e Paulo

Coisa impossível de se ver no mundo antigo era uma sociedade pluriclassista. As assembleias políticas, associações particulares, religiosas ou profissionais permitiam apenas os encontros de iguais; essa situação se configura em um problema político gerado pelo sistema econômico.

Uma novidade absoluta foi trazida pelo cristianismo que proporcionou o encontro entre ricos e pobres, pois era um escândalo a distância existente entre estas duas classes. Partilharem da mesma mesa e ultrapassarem tal barreira significou um grande desafio. Foi um fenômeno considerado extraordinário (COMBLIN, 1988, p. 31).

Também extraordinária é a "boa nova" que não se tratava mais das notícias do império, mas sim da nova situação trazida pela nova seita, que tirava o peso da circuncisão que excluía mulheres e gentios e propiciava a todos participar da mesma liturgia do mesmo espaço. Nesta circunstância surgem as comunidades cristãs chefiadas por mulheres. Este é o caso de Lídia: "(1). Dama cristã, possivelmente

prosélita, convertida por S. Paulo e em Filipos da Macedônia deu-lhe hospitalidade (At 16, 13-15)”[15].

Lidia, adoradora de Deus, era comerciante de púrpura. Ela foi tocada por Deus que lhe abriu o coração às palavras de Paulo. Foi batizada juntamente com todos de sua casa. O texto não diz se ela é casada nem quem são os “de sua casa”.

O convite a Paulo e os seus para se hospedarem na casa de uma mulher nas condições da sociedade acima apresentada é quase impensável, lembrando, ainda, que no texto também não aparece uma figura masculina (um marido).

Deve-se ter em mente que um homem não deveria dirigir a palavra em público a uma mulher, no entanto, na subversão trazida por Jesus, isto pode e de fato acontece; Paulo segue o mesmo caminho de inserção da mulher traçado por Jesus.

> A casa de Lídia é o lugar para a palavra e para a refeição, talvez eucarística. Ou seja, de um simples espaço doméstico governado por uma mulher torna-se uma igreja doméstica, na qual se escuta a Palavra da Salvação e se celebra o sacramento. Na comunidade local (Filipos), Lídia preside a organização e a pregação da igreja[16].

Lídia assume também um papel muito importante na história das primeiras comunidades, pois se torna um modelo de inclusão da mulher na vida missionária, rompendo com o modelo anterior focado na sinagoga; a mulher torna-se independente.

Lídia é uma mulher com recursos, pois é comerciante e põe estes meios à disposição da comunidade, inclusive os oferece em favor da missão, estabelecendo assim o uso da riqueza em prol de outrem. É também um modelo para outras mulheres com boas condições financeiras que aderiram à fé e se converteram[17].

---

[16] PUERTO, M. N., http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/donna/bibbia/espanol/de-casa-en-casa-las-mujeres-en-la-iglesia-dome_stica-lucana.pdf

[16] PUERTO, M. N., http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/donna/bibbia/espanol/de-casa-en-casa-las-mujeres-en-la-iglesia-dome_stica-lucana.pdf

[17] Mulheres anônimas de Tessalônica (At 17,4) e da Bereia (At 17,12) e Dâmaris de Atenas (At 17,34).

Priscila e Áquila são companheiros e colaboradores de Paulo em Corinto e em Éfeso, Priscila e Áquila eram judeus do Ponto. Antes de encontrarem o Apóstolo Paulo, haviam residido em Roma, onde Claudio decretou que todos os judeus fossem embora. Eles foram expulsos (At, 18, 2s; 26).

Paulo foi hospedado pelo casal e os ajudou no trabalho, pois tinham a mesma profissão: fabricante de tendas. Isto ocorreu quando ele chegou a Corinto, vindo de Atenas; Paulo se estabeleceu na casa deles entre os anos de 51 e 52, data confirmada pela inscrição de Delfos que situa o proconsulado de Galião[18] neste período.

Quando Paulo deixou Corinto para ir a Jerusalém, Priscila e Áquila acompanharam-no até Éfeso, onde se detiveram. Encontravam-se ainda aí no momento em que Paulo enviou, desta cidade, a primeira epístola aos Coríntios (16, 19). E neste ponto Paulo informa sobre a Igreja que se reúne na casa do casal.

Talvez tenham voltado para Roma (Rm 16, 3), embora Timóteo (4, 19) os suponha ainda em Éfeso. Exerceram considerável atividade na Igreja e foram eles que converteram Apolo ao Evangelho (At 18, 26) e o próprio Paulo elogia-lhes os trabalhos e o zelo.

Na relação que Paulo tem com o casal, Áquila e Priscila, o que chama atenção é a forma de tratamento que dispensa a ela, ora a chama Priscila e outras de Prisca. Priscila em grego significa “velha” e Prisca é o diminutivo, “velhinha”. Parece uma forma carinhosa de tratamento.

Quando Paulo escreve a carta aos Romanos (16, 1-5) ao fazer as recomendações e saudações, cita Prisca e Áquila e além de dizer que são seus colaboradores em Cristo, afirma que expuseram suas vidas para protegê-lo diz o quanto ele e as igrejas da gentilidade lhes deve e saúda a Igreja que se reúne na casa deles.

Lembrando que desde os primórdios a casa era de domínio feminino, era ela, a mulher, responsável pelo lar e pelas atividades domésticas. O que ocorre dentro daquele domínio é de sua responsabilidade. Pode-se inferir que quando Paulo se

[18] Cf. Bíblia de Jerusalém, 6ª edição, 2010. (item h da nota de rodapé), p. 1936.

refere à Igreja que se reunia em sua casa, era Priscila diretamente a responsável pela organização e pela comunidade, assim como pela casa em si.

Os encontros que ocorriam nas Igrejas domésticas, na casa de Lídia, ou no modelo de missão do casal Priscila e Áquila não deveriam ser considerados únicos, mas exemplo de missão que parte da atuação das mulheres. Elas são reconhecidas a partir de Jesus que as assume, ama, inclui e lhes restaura o que foi quebrado ao longo de século: a dignidade.

> Na maioria dos textos em que aparecem ela e seu marido Áquila (At 18,2.18.26; Rm 16,3; 1Cor 16,19; 2Tl 4,19), ela vem nomeada em primeiro lugar, contrariando o costume de antepor o marido. Isso talvez indique que, no trabalho missionário, Priscila tivesse maior destaque que Áquila[19].

Paulo dá continuidade ao projeto de Jesus, neste processo vai participando e acolhendo as mulheres ao mesmo tempo em que por elas é acolhido. Colocando-as na mesma posição como mostra a iconografia da Gruta de Paulo.

2.3.1 A mulher na transmissão da fé

Se o lugar da mulher era na casa, lá também era o lugar da palavra, da pregação e da instrução. Era neste espaço que ocorriam os momentos de oração, de partilha, de discussão de problemas, assim como de encontros e desencontros, tensão e pedidos de perdão.

Nas igrejas domésticas ocorriam as relações de liderança. Era neste espaço onde precisavam ser tomadas as decisões de como encaminhar a igreja iniciada por Jesus, assim como organizar e acolher os novos convertidos. Como fazer as partilhas e como repassar a “Palavra”.

[19] Conforme material da apostila do Dr. Prof Cássio Murilo Dias da Silva

Para a organização da comunidade, era necessário um verdadeiro espírito de liderança infundido pela ação do Espírito Santo, que os ajudava a discernir todos os primeiros passos para a disseminação da fé e a manutenção da unidade.

Organizar e manter as obras de misericórdia, preparar e organizar a acolhida dos carismáticos itinerantes, propagar o evangelho e inaugurar o novo modelo inclusivo de mesa partilhada eram as "tarefas" dessas mulheres: "As mulheres judias, convertidas e gentis foram um pilar para a difícil edificação das comunidades primitivas[20]".

Assim como a fé e a revelação atingiram a Samaritana, que acabou proporcionando, por meio de seu testemunho, a conversão de muitos, também as mulheres continuaram a buscar a "água viva", e distribui-la à família – como Lídia; ou à comunidade por meio da missão – como Priscila e Áquila. Ou ainda para todas as pessoas que as ouviam e vinham para ver e crer – como foi o caso das pessoas que conviviam com Marta e Maria.

[20] Conforme material da apostila do Dr. Prof Cássio Murilo Dias da Silva

.

Capítulo III: A mulher e o cristianismo hoje

Neste capítulo discutir-se-á o impacto da vida das mulheres primitivas e das primeiras comunidades cristãs, assim como a influência das mulheres de ontem na vida de uma mulher hoje. Quais os pontos de contato, o que pode ter favorecido ou dificultado a vida desta mulher?

Outras perguntas que nos motivam são: quais foram os impulsos que alavancaram a fé tanto nela quanto nos que estam próximos a ela? Como uma mulher do povo pode se tornar tão sabia e fazer tanto pela promoção da vida e da fé, pela igreja e pela família, sem nem mesmo perceber ou fazer caso, levantar questão?

A resposta seria por meio de sua fé embasada nas histórias de vida de outras mulheres fortes como: Rute, Ester, Raquel, Sara, Lídia, Priscila e muitas outras anônimas que deixaram marcas profundas no viver e no ato de transmitir a fé.

Trata-se da fé que se expressa pelo exemplo, pelo testemunho, pela fé tatuada na carne cortada a navalha, como se fosse um pacto de sangue.

Não há referência mais àquele sangue impuro que exclui, mas sim ao que transforma toda mulher em integrante da nova aliança e que é capaz de tornar todas as mulheres irmãs, e que tem como tarefa lançar cada uma para o futuro, levando consigo todos “de sua casa”.

3.1 Apresentação da protagonista

Maria[21] é pernambucana, é a nona de doze irmãos. Nove desses irmãos são fruto do primeiro casamento de seu pai; os outros três irmãos, mais novos, são fruto do segundo. Hoje (ano de 2014), aos cinquenta e três anos de idade é casada e

[21] Maria é o nome fictício dado à entrevistada para preservar sua identidade.

mãe de um filho de vinte e três anos, atua na Pastoral do Batismo há aproximadamente sete anos em uma comunidade na periferia de São Paulo, Capital.

3.2 A mulher ontem e hoje

> *O amor verdadeiro é fecundo e esta fecundidade não se expressa apenas mediante a gestação biológica; ela se revela também no acolhimento, no serviço e, às vezes, numa criação conjunta.*[22]

A herança histórica é uma das responsáveis pela atuação da mulher na Igreja. Ela vem desde as primeiras mulheres que, embora não tenham uma citação explícita, são as responsáveis pela transmissão da fé. Derramam o ensinamento, espalham conhecimento e liquefazem a fé para seus filhos. Essas mulheres, como portadoras de uma nova vacina, vão pingando gotas nos lábios de cada um, porque são tementes ao Deus de seus pais e adquirem a potência, o dinamismo e a capacidade de contagiar.

É também assim o que ocorre com a Maria, órfã de mãe aos quatro anos de idade. Mas conforme diz o Salmo (81, 3) “Protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e ao necessitado”. Foi esta a condição vivida pela família dela por seis meses até que o pai resolveu casar-se novamente.

O pai, que tinha uma condição de vida estável, terras e comércio, cedeu ao convite e à promessa de vida melhor, vendeu todos os bens e partiu para o exílio voluntário rumo à cidade de São Paulo. Ao desembarcarem em São Paulo, da própria rodoviária foram levados para o sul, em uma cidade localizada no Paraná.

A maioria dos filhos era menor de idade e a família já havia aumentado com a chegada de mais três do segundo casamento. Todos foram levados para uma fazenda com uma casa sem móveis, sem utensílios, sem roupas, sem alimentos. As vizinhas das fazendas próximas se organizaram e levaram roupas para as crianças, utensílios básicos e alguma comida para a família.

---

[22] Ribeiro (1991, p. 13).

A situação era parecida com a solidariedade que existia nas comunidades primitivas, entre os cristãos. O que era incompreensível para os judeus. Assim como diz a "*Carta a Diogneto*" (BECKHAUSER, 1984), os cristãos não se distinguem dos demais em nada, falavam o mesmo idioma, levavam a mesma vida, seguiam os costumes locais. Mas amavam a todos e eram solidários uns para como os outros.

Além desta situação, o dinheiro que haviam levado foi transferido para as mãos do filho mais velho que havia dado a ideia da mudança e como já havia morado fora, parecia ter mais conhecimento do que seria adequado para toda a família, portanto foi-lhe confiado todo o valor conseguido a custa de muito trabalho e esforço. Porém, o filho desapareceu deixando a família em uma situação de fome, frio e miséria.

A mudança de Pernambuco, de uma pequena cidade para o Estado do Paraná, foi um choque para a família que não conhecia o frio, tampouco o trabalho pesado, que iniciava ao romper da madrugada e se estendia até o início da noite quando retornavam para casa. Em uma situação de semiescravidão. O único motivo de felicidade era estarem juntos.

No entanto, se por um lado havia felicidade, também havia o sofrimento, como a lembrança das mãos sangrando pela colheita do café, do frio que os impedia de dormir, da fome e da rotina que parecia interminável, dia após dia.

Outra marca que ficou foi a dificuldade de relacionamento com a madrasta que também precisou se readaptar com toda a nova realidade. A madrasta sofria e fazia sofrer.

Com a mesma mentalidade dos patriarcas sob o julgo do exílio e da escravidão, o pai da família não tinha expectativas maiores para as filhas. Quem decidia o futuro delas era ele em primeiro lugar e depois os irmãos. O pensamento que vigorava à época era que mulher não precisava estudar, por isso as meninas foram educadas para cuidar do lar.

O pai que estava em agonia por ver as necessidades da família, tomou a decisão de arranjar casamento para as filhas mais velhas. Nos primórdios, o pai

prometia a filha em noivado, mesmo que ela não tivesse idade suficiente para se casar, ficando, assim sob a guarda dos sogros até atingir a idade.

Assim foi arranjado. A irmã mais velha se casou com um rapaz de um sítio vizinho e a imediatamente abaixo se casou logo em seguida, a outra abaixo da última noiva, que na ocasião tinha apenas treze anos, foi entregue a um senhor que se interessou por ela e ficou sob sua guarda até completar quinze anos, quando então se casaram. Segundo o relato de Maria[23],

> Meu pai via que éramos muito jovens para casar, ainda assim um rapaz se interessou pela minha irmã, mas por ela ser muito jovem e o rapaz bem mais velho, meu pai decidiu deixar minha irmã por responsabilidade do rapaz até ela completar seus 15 anos para então eles se casarem.

As mulheres da família precisaram de muita força para enfrentar o destino que lhes foi traçado. O pai também sofreu muito com a situação e após alguns anos decidiu voltar para a sua terra natal, viajou com os filhos solteiros para São Paulo, onde encontrou dois filhos mais velhos que já trabalhavam e deixou sob a custódia de um deles os dois filhos caçulas do primeiro casamento. Levou consigo os três filhos mais novos e a mãe deles para Pernambuco.

Maria, que é a protagonista desta história, inicia uma nova trajetória na vida, agora sob a tutela do irmão mais velho. Não de forma tranquila como era de se esperar, mas com toda uma série de proibições. Era proibida de sair de casa, de conversar com homens, de estudar. Suas atribuições eram cuidar da casa e ser a ama da sobrinha:

> aqui em São Paulo meu irmão mais novo foi trabalhar na padaria de um amigo de meu irmão mais velho, eu como era muito jovem fiquei morando com meu irmão, e ai eu cuidava da casa dele, claro, sem remuneração.

Desta forma, Maria saiu do julgo do pai para cair no julgo do irmão. Depois de anos nesta vida, inesperadamente foi convidada, por uma prima, para ir a uma festa.

[23] Em entrevista concedida à autora do trabalho em 17/03/2014. Todas as citações seguintes referentes à fala da entrevistada são provenientes desta mesma entrevista.

Pela primeira vez em anos recebeu permissão para sair, mas com horário marcado para voltar.

Na festa conheceu um rapaz amigo da prima, que, ao final de poucas horas, a pede em namoro. Foi uma situação muito diferente de todas as vividas até aquele momento. E ela aceitou.

Após um ano e dois meses de um namoro em que se viram aproximadamente cinco vezes e sempre na presença de alguma pessoa, decidiram se casar.

Como as mulheres de Israel, Maria após tantas dificuldades, em vez de se liberar, acaba sob o domínio de um marido possessivo e profundamente ciumento. Conserva-se dia e noite em seu lar à espera do marido e pedindo a Deus por um filho: “queríamos muito ter um filho mais com o passar do tempo não conseguíamos, foram muitos exames e sofrimentos, depois de oito anos de tentativas descobrimos que não podíamos gerar filhos”.

Os filhos do concubinato ficaram para trás. E os modelos de geração e gestação também mudaram e muito ao longo dos tempos. O homem com a modernidade tem o desejo de dominar o mundo, a natureza, todos os processos, também se acha senhor da vida. Porém, para Maria, nenhum processo artificial foi possível. Impedida de gerar, sofria pela falta das dores do parto:

> Deus na sua infinita misericórdia nos abençoou com um grande milagre, aparece na nossa vida uma criança abençoada que desde o seu primeiro momento de sua chegada até os dias de hoje que fazem exatamente 23 anos foi só alegria e benção, com este filho nasceu uma família.

A chegada de um filho, gerado por outra mulher, trouxe vida nova para Maria. Ela rezou muito e foi abençoada com um milagre: o da vida. A mesma fé que permitiu a Sara gerar na velhice, a Ana gerar após uma promessa, a Lídia ser tocada pelo anúncio do “caminho” a ponto de oferecer sua própria casa como local de culto e oração bem como de hospedar Paulo e os apóstolos que estavam com ele, também tocou Maria.

Ainda que o cristianismo nascente fosse considerado pelos judeus um perigo, ninguém entendia por que eles se amavam tanto, se ajudavam. Era um mistério o

que ocorria nas casas onde se reuniam; era o nascimento de uma nova seita. Situação parecida vivia a protagonista desta história. Agora que ela tinha um filho, o marido não conseguia entender o porquê da busca dela por uma comunidade. Maria ora procurava, ora cedia aos caprichos do esposo.

As dificuldades da vida ocorrem em todo tempo e lugar. Maria sentia ainda falta de algo e se inseriu em uma comunidade, foi convidada a participar de grupos de oração e, tocada pelo Espírito Santo, passou a frequentar um curso chamado “Shalon” que a iniciou nos mistérios da fé. Os apóstolos, após o evento de Pentecostes, repletos do Espírito Santo enchem-se de coragem para denunciar as injustiças, curar os enfermos, anunciar a Palavra. Dão continuidade ao projeto da Boa-nova de Jesus. Assim como os apóstolos, Maria inicia um processo de descoberta durante quatro anos.

A mulher foi acolhida e inserida na sociedade por Jesus, da mesma forma, fora recebida como igual pelos seus apóstolos. Não se acredita que tenha sido um processo tranquilo, pois ir contra todo o pensamento dominante de uma sociedade milenar é sempre nadar contra a corrente. Deve ter sido muito difícil contradizer os judaizantes e combater a própria formação e tradição dos pais.

Isso também ocorreu com Maria; ela, embora sob o julgo do marido, após o “nascimento” do filho, se atirou contra tudo e contra todos em defesa daquela pequena vida. Ela se transformou de mulher oprimida à mãe, educadora, protetora. E a busca por autonomia e conhecimento foi mais forte que os problemas, pois queria conquistar realização pessoal, uma nova vida, ser uma nova criatura.

Tudo transcorria dentro da normalidade, para dar maior conforto ao filho Maria enfrenta o marido e sai para o mercado de trabalho. Ele não deixa por menos e toda vez que possível a confrontava com acusações sem fundamento, principalmente em relação ao curso noturno que ocorria na Paróquia. Mesmo sofrendo, Maria não desistiu. Sabia que era apenas ciúmes e sentia necessidade de suprir e garantir o mínimo de conforto para seu filho com os bens materiais necessários, sem extravagâncias, mas também com os bens espirituais. Necessitava fortalecer-se espiritualmente para educar o filho na fé.

No entanto, o desafio maior surge não por obra do esposo, mas sim por uma doença familiar que acabou desencadeando todo um desequilíbrio, e a busca mais intensa de Deus se inicia na vida de Maria.

> Em 2002, meu irmão descobre que esta com câncer. Foi um grande choque para toda a família e nos juntamos para decidir o que deveríamos fazer. Nunca fui de rezar, mas, diante do desespero, rezei muito e fui buscar ajuda em todos os lugares, pedindo a Deus a cura do meu irmão. Em todos os lugares que eu estive sempre fui bem recebida, mas sempre fiquei com a sensação de estar faltando algo, mas não era o lugar, este eu já tinha, mas o desespero estava me cegando a ponto de não ver que Deus estava comigo me levando e me trazendo de volta e eu só via o sofrimento, porque Este nosso irmão era considerado o pai de todos.

Onde a mulher vai buscar energia para emergir dos escombros da opressão secular, senão do profundo de suas entranhas geradoras da vida? Senão da consciência de ser imagem e semelhança de quem a engendrou? (RIBEIRO, 1991, p. 14)

Desta forma, nossa protagonista passa por um grande momento de dor que, ao invés de enfraquecê-la, a torna uma mulher decidida, forte e firme na fé, na esperança e na caridade, sem deixar, porém, de ver os altos e baixos tanto da vida como da fé.

Integrou o grupo Santa Marta que fazia e distribuía sopa para os desabrigados do bairro. Quando este grupo se desfez, não se deixou desmotivar e, seguindo seus propósitos de se tornar uma nova criatura, ingressou na Pastoral do Batismo.

Sentia-se pequena e sem valor. Não conseguia se manifestar em público, não tinha conhecimentos acadêmicos e sempre pensava que todos da Pastoral falavam e conheciam muito mais que ela. Portanto, se sentia útil fazendo apenas o café.

Ainda assim, seu coração pulsava, pedia mais. Ela sentia isso principalmente nos momentos apologéticos em que se via metida uma vez que boa parte da família

era de outra denominação religiosa e queriam a qualquer custo convencê-la a mudar de religião.

Mesmo com uma série de provocações e perguntas impertinentes que a deixavam muito nervosa a ponto de brigar com todos, foi fazendo parte da Pastoral e passou a ler o Evangelho. Participou da formação oferecida pela cúria local e ingressou no curso de Teologia para Leigos; percebeu uma mudança.

Seus parentes passaram a respeitá-la e a ouvir também seus argumentos. Na Pastoral, passou a fazer outras atividades. E pouco a pouco se sentindo fortalecida, foi capaz de fazer a formação do próprio esposo para a Primeira Eucaristia. Encaminhou o filho e vários sobrinhos para a Catequese, Crisma e inseriu outros tantos em atividades pastorais.

Ela pertence à maioria que acolhe a Palavra exercendo o seu papel feminino: a que abriga a Palavra. Encontra-se, portanto exatamente onde devia estar pela persistência, vencendo os medos e a insegurança. Seu poder brota da aceitação da vulnerabilidade. Recusa-se a morrer e com insistência continua a anunciar, apesar do trabalho, dos afazeres domésticos e das responsabilidades. (RIBEIRO, 1991 p. 14)

Maria faz parte das guardiãs da vida. Trata-se do papel desempenhado por mulheres que com a metodologia de formiga e de abelha (em porções pequenas, transformam e devolvem o transformado em substância que alimenta), as quais vão tornando possível a realização do projeto de Deus a respeito da humanidade (RIBEIRO, 1991, p. 15).

Como herdeira da fé das mulheres primitivas ultrapassa as mulheres perfeitas apontadas na literatura sapiencial, que apesar da perfeição sempre estão abaixo e a serviço do sexo oposto. Servem para lhes dar visibilidade, porém com verdadeiro ardor, amam e educam sua prole, sua família, seus amigos e sua comunidade independente de sexo, ou qualquer outra condição.

Mesmo com os defeitos e condição humana a que todas as mulheres estão sujeitas, fazem uma grande parceria com o Criador, na certeza da consciência de que são portadoras de esperança da nova vida, com grande amor materno. Maria,

como o profeta Isaías (49, 14-20), tem um amor que não se baseia na dependência de respostas do filho. Ama, acolhe, instrui, educa, pois não pode deixar de querer bem o filho de suas entranhas.

Atualmente, Maria coordena a Pastoral do Batismo com muita sabedoria e sagacidade. Enfrenta e soluciona problemas. Tem várias ideias para animar e organizar os encontros de Batismo, bem como as reuniões com o grupo da pastoral.

3.3. A mulher e os desafios para a transmissão da fé hoje

Atualmente, a mulher continua com o seu papel de educadora e transmissora e é por ela que muitos chegam à fé, embora a sociedade pós-moderna tenha a impressão de não mais precisar de Deus, uma vez que tudo ou quase tudo é solucionado por meio da tecnologia.

Vemos as transformações ocasionadas pela tecnologia e pela biotecnologia que vão desde a nanotecnologia à física quântica. Novos desafios para a bioética e para outras áreas do saber, novos desafios para o homem e mulher de hoje aparecem diariamente.

No entanto, se o Evangelho encontrava espaço nas casas e estas eram o local de domínio das mulheres, hoje o domínio mais do que nunca a elas pertence. Com os novos arranjos familiares e com a feminilização da família vê-se cada dia mais um número crescente de mulheres chefiando os lares, bem como um grupo que engrossa a cada dia, que é das mulheres que não querem ter filhos.

Parece um paradoxo, pois sabemos que cada dia mais a mulher sai de casa para o mercado de trabalho ou para cumprir a vontade crescente de se profissionalizar adiando ou até, muitas vezes, deixando para trás a ideia da maternidade, frente ao crescente investimento em tecnologias para a reprodução assistida.

Será um grande desafio na propagação do Evangelho para uma sociedade que se torna individualista, em oposição aos primeiros cristãos que viviam para

promover a vida em comunidade. Como organizar novamente as comunidades? Como promover o acolhimento e a partilha?

Estes são alguns dos desafios para as novas gerações, e cabe ainda mais uma questão: como vamos levar o Evangelho a toda criatura e até os confins da Terra?

Conclusão

A comunidade religiosa da qual faço parte tem aproximadamente 500 pessoas, destas 65% são mulheres, 15% crianças 15% homens e 5% jovens. Há 20 anos este número era de 900 pessoas sendo 30% de mulheres, 25% de homens, 25% de jovens e 20% de crianças. Este foi um dos motivos que me levou a realizar esta pesquisa. O que estava ocorrendo com a transmissão da fé? Por que homens, jovens e crianças não se interessam mais pelas coisas desta igreja?

Iniciei uma pesquisa muito rudimentar nas pastorais, tentando identificar o que estava ocorrendo nas famílias. Ao perguntar para as mulheres sobre os filhos ou os maridos, a resposta da maioria delas era que com relação aos filhos depois da catequese, e alguns até durante ela, não queriam mais participar da comunidade. E os maridos, a falta de tempo, de vontade e ainda reclamavam da participação delas.

Fiquei profundamente intrigada, pois a meu ver eram mulheres fortes e até influentes realizam vários trabalhos e participam ativamente da comunidade. Como elas não conseguiam mais transmitir a fé?

Revisitando o Antigo Testamento percebi como faz falta discutir o papel da mulher nas condições em que se encontravam e todo o esforço que faziam para gerar e manter a família, a fé no Deus de seus pais. Elas tinham uma tradição que as sustentavam. Tinham certo conhecimento religioso que as impulsionava a tomar decisões, a cuidar do lar e do clã ainda que na esfera interna, na intimidade, nas relações, nas decisões e rumo da família.

Elas decidiam a escolha e o futuro dos filhos. Burlavam as regras para conseguirem o seu intento, outras vezes choravam, acusavam e reclamavam. Recursos muito femininos que deixavam transparecer a fragilidade do ser mulher. Mas tudo pela fé e benção do Deus único que as fortalecia e era fonte de suas vidas.

O exemplo de Lídia, uma mulher comerciante e influente na comunidade, é diferente das outras que ficavam confinadas no lar sob o jugo de um membro masculino que decidiria seu destino, proporcionou-me refletir sobre o modelo de comunidade que estavam tentando construir, da sede por amor, pelo desejo de servir.

Pelo que vimos, ela não tinha um marido, não se fala de ninguém do sexo oposto em sua vida mais intima. As decisões eram dela, que tinha autonomia para isso. Sem explicar a ninguém, oferece estadia a um homem, ainda que não fosse apropriado a uma mulher fazer tal ação. Escuta a palavra, acredita e se converte. Isto ocorre com alguém que está em busca de algo que a complete, pois sente que necessita mais da vida. O conceito de servir, testemunhar e amar a mudou, tanto é que consegue converter a si e a todos de sua casa.

Priscila junto com Áquila auxiliaram a implementação das missões. Evangelizam no mesmo modelo dos setenta e dois que foram enviados com o mesmo fim (Lc 10,1). Em um período em que a mulher era desvalorizada, não é pouca coisa Priscila ser mencionada por um outro homem, que não era seu marido, de forma carinhosa pela alcunha Prisca; não vimos ao longo dos textos nenhuma manifestação desta ordem nem por parte de pai, esposo ou irmão. Ainda mais revelador é seu nome aparecer quatro vezes, entre as seis mencionadas no Novo Testamento, antes do nome do esposo Áquila, pois sabemos que à época quem chefiava a família era o homem, quem conhecia a lei e religião na esfera externa, política, eram os varões.

Entendo Priscila como a precursora da missão, uma mulher perseguida por Claudio, que expulsa de Roma o casal juntamente com outros judeus em um período de perseguição. Mas que não se deixa abater e dá testemunho quando acompanha Paulo em viagem ou quando, segundo a tradição, converte Apolo.

Maria, a protagonista do trabalho também é um exemplo de mulher que cresceu muito com a fé construída ao longo do contato com o Deus de nossos pais. Foi adquirindo lentamente uma vivência por meio da participação nos encontros comunitários, e o mais importante é que levou consigo a sua família e de forma incansável se encontra em todos os momentos junto com a comunidade.

O que percebo é que o quadro atual é um grande desafio para a mulher e para toda a sociedade. Todo contexto, político, social, cultural e midiático torna a transmissão da fé um desafio imenso. A mulher hoje, como Paulo o fez frente aos atenienses (At 17, 19-23), deve perscrutar os corações e encontrar a inscrição sobre o Deus desconhecido e religar a Igreja doméstica de Lídia, de Priscila buscando a sabedoria das profetizas Miriam, Debora, Noadias, Hulda, Ana e sem medo anunciar e pregar nestes novos areópagos.

Não será nada fácil tentar entender como é a fé e como propagá-la na atualidade. Não apenas em uma pequena comunidade da periferia de São Paulo. Será preciso contar muito com a força do Espírito Santo - aquele mesmo Espírito que com estrondo agitou como um vendaval impetuoso os que se encontravam reunidos em casa e iniciaram a falar em outras línguas conforme o Espírito lhes concedia exprimirem e anunciar. Uns acreditarão e perguntarão como é possível entender tão claramente como se estivesse ouvindo em sua própria língua, porém outros rirão e dirão que estão embriagadas com “vinho doce” (At 2, 13).

Profetizar, incendiar ou revolucionar. Encher de Graça de coragem apóstolos e apóstolas que se encontram fechados com medo de pregar a misericórdia, o respeito e o amor é o papel que se espera de mulheres que desejam continuar com a missão iniciada com as silenciosas mulheres primitivas, passando pelas que organizaram as Igrejas domésticas e pela herança recebida daquelas que acreditaram na possibilidade de matar a sede com a água viva. E nunca mais ter sede. A não ser a de justiça e paz.

Quando falo em novos areópagos, penso em como enfrentar as novas situações que se apresentam: como esperar que as mulheres se encarreguem da difusão da fé em um mundo em que 30% das mulheres alemãs não querem ter filhos e um quinto das mulheres daquele país (entre 45 e 55 anos) não são mães. Ou em que 28% de americanos vive sozinhos (no ano de 2012) frente a 1950, quando eram 9%. Ou ainda frente a 135% de divórcios que aconteceram no Irã na última década. Ou na menor taxa de natalidade do mundo que se encontra em Singapura, 1,15 filho por mulher.

Estes são apenas alguns dados que se apresentam como desafios para a propagação da fé hoje. Ao longo de séculos a mulher vem sendo marginalizada ou invisibilizada, mesmo assim vimos como tantas furaram o bloqueio e se mostraram como as Saras, as Deboras, as Noades etc.

Como voltar a vida de fé, no conhecimento de Deus?

Como possuir o mínimo de fé para transmitir a outros?

Como não substituir a família pela carreira, por viagem, pelo consumo?

Como encarar o número cada vez maior de mulheres vivendo sozinhas?

Como entender a luta contra a solidão?

A Maria, pelo amor ao Evangelho, pelo apego à comunidade e pela Graça do Espírito Santo conseguiu evangelizar todos de sua casa. Assim esperamos que ocorra com muitas outras Marias, Lídias, Priscilas. Para tanto esperamos também uma maior visibilidade da mulher, que neste mundo ainda altamente masculinizado precisam ter um pouco mais de vez e voz.

Que a mulher possa ser melhor educada na fé, a fim de dar continuidade na geração dos filhos, na geração da fé e na geração da paz.

Referências

ARNS, P. E.; GORGULHO, G. e ANDERSON, A. F. **Mulheres da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BAESKE, S. **Mulheres Desafiam as Igrejas Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAUM, G. **A Carta Apostólica Mulieris Dignitatem.** *Concilium* nº 225, p. 151-156, 1989.

BECKHAUSER, A. **A Carta a Diogneto**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

Vários Autores, **BÍBLIA de Jerusalém**. Nova Edição Revista e Ampliada. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da "École biblique de Jérusalem". Edição em língua francesa Les Éditions Du Cerf, Paris, 1998, ed. Revista e ampliada. Paulus, 2002.

BOFF, L. **O Rosto Materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANCHER, M. **Dos Olhos de Agar aos Olhos de Deus**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, Sinodal, nº 25, p.11-29, 1996/3.

BROWN, P. **Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CHORIN, S. B. **A Mãe de Jesus: um Enfoque Judaico**. *Concilium* nº 188, p. 30-36, 1983/8.

COMBLIN, J. **Atos dos Apóstolos**: Vol. I: 1 – 12. Comentário Bíblico. Petrópolis: Vozes, 1988.

CROSSAN, J. D. e REED, J. L. **Em Busca de Paulo**: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007.

SILVA, C. M. D. **Evangelho de Lucas**, material apostilado utilizada em sala de aula.

FABRIS, R. e GOZZINI, V. **A Mulher na Igreja Primitiva**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FAIVRE, A. **Os Leigos nas Origens da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FOULKES, I. **Invisíveis e desaparecidas: resgatar a história das anônimas**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, Sinodal, nº 25, p. 44-54, 1996/3.

HAMMAN, A. G. **A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos**. São Paulo: Paulus, 1997.

HUFNER, B. e MONTEIRO, S. (org.). **O que esta Mulher está Fazendo Aqui?**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1992.

KING. U. **O Divino como Mãe**. *Concilium* nº 226, p.117-133, 1989.

KOTKIN, J. **A Ascensão do pós-familismo**. Folha de São Paulo, Caderno Equilíbrio, 25 de dezembro de 2012.

KUNG, H. **Maria nas Igrejas**. *Concilium* nº 188, p. 3-10, 1983/8.

LAURENTIN, R. **Jesus e as mulheres: Uma Revolução Ignorada**. *Concilium*, nº 154, p. 81-92, 1980/4.

McKENZIE, J. **A Mãe de Jesus no Novo Testamento**. *Concilium*. nº 188, p.17-29, 1983/8.

MOLTMANN, J. **Existe uma Mariologia Ecumênica**. *Concilium* nº 188, p.11-16, 1983/8.

ORTIZ, P. V. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. Título original: Concordancia Manual y Diccionario Griego-Espaõl Del Nuevo Testamento.Trad. Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Loyola, 2008.

PATRÍSTICA e Fontes Primitivas. Site. Disponível em: <http://agnusdei.50webs.com/patrist.htm>. Acesso em 17/04/2014:

REIMER, I. R. **O Poder de uma Protagonista: A oração de pessoas excluídas**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, Sinodal, nº 25, p. 63-73, 1996/3.

PUERTO, M. N. **De Casa En Casa: Las Mujeres En La Iglesia Doméstica Lucana** Disponível em: http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/donna/bibbia/espanol/de-casa-en-casa-las-mujeres-en-la-iglesia-dome_stica-lucana.pdf. Acesso em: 30/05/2014: ResBib nº 14, p. 35-44, 1997.

RENDTORFF, R. **Antigo Testamento**: uma introdução. Santo André: Academia Cristã, 2001.

RIBEIRO, Z. F. **A Mulher e a Gestação da Nova Igreja**. Vida Pastoral, São Paulo: Paulinas, nº 159, p.13-19, 1991.

SCHABERG, J. **As Antepassadas e a Mãe de Jesus**. *Concilium* nº. 226, p.117 - 125, 1989.

SCHNEIDERS, S.M. **As Mulheres e a Palavra**. São Paulo: Paulinas, 1992.

STEIN, E. Carmelita Descalça. **A Mulher – sua missão segundo a natureza e a graça** Trad. KELLER, A. J. São Paulo: Edusc, 1999.

TEPEDINO, A. M. **As Discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990.

TORRES, M. L. **Mulheres que se inventam saídas (Mateus 1,1-17)**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, Sinodal, nº 25, p. 55-62, 1996/3.

Vários Autores,. **Lexicon Dicionário Teológico Enciclopédico**. Trad. PAIXÃO, J.N.; MACHADO, A. A. São Paulo: Loyola, 2003.

VILELA, M.J. **As Origens do Cristianismo: fé ou rebelião**. Revista Dominicana de Teologia, São Paulo: Veritas, v. 4, p. 105-131, 2007.

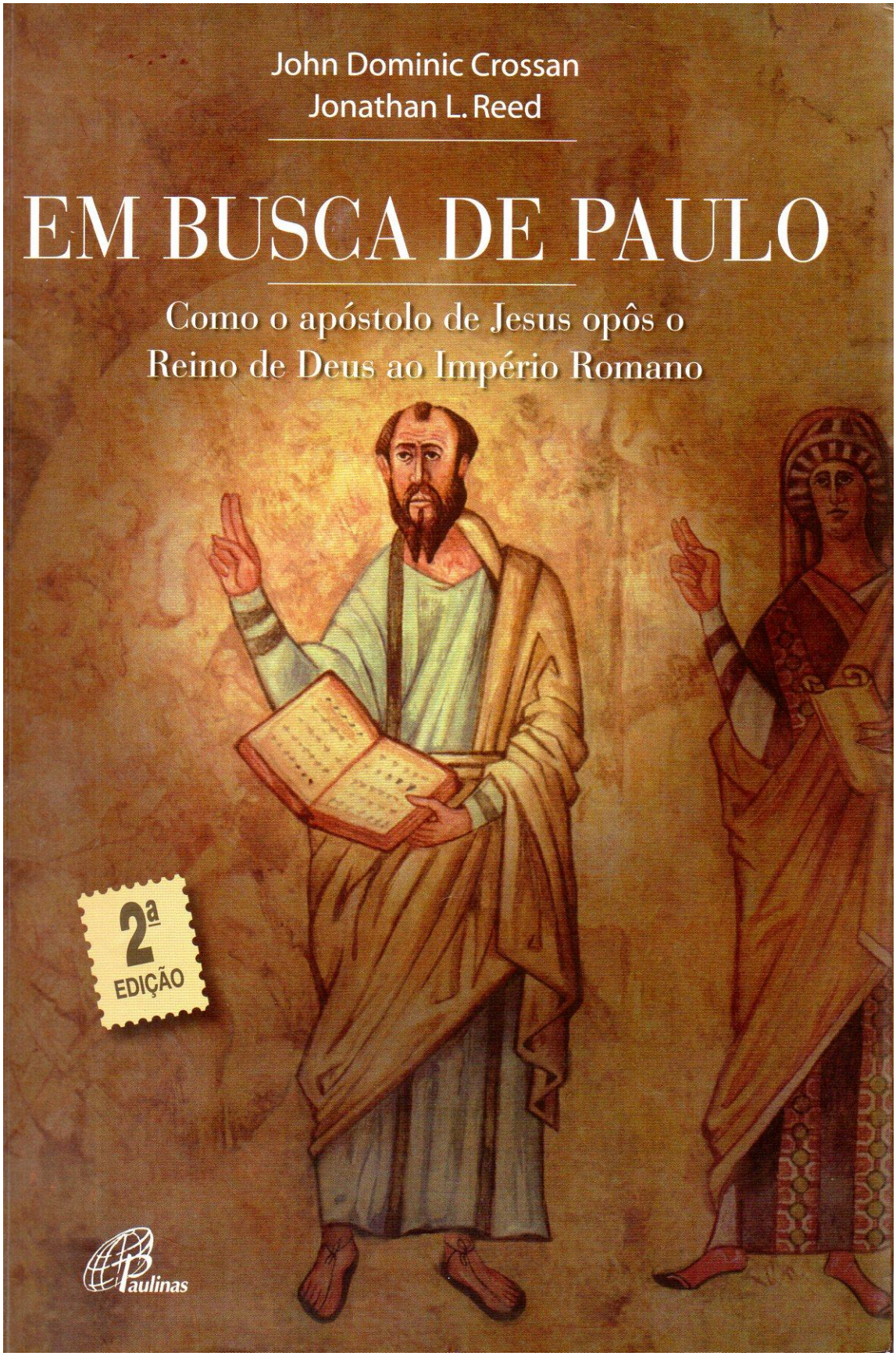
WENDEL, E. M. **Maternidade ou Amizade**. *Concilium* nº 188, p. 37-45, 1983/8.

WINTERS A. **A Mulher no Israel pré-monarquico**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RiblaI. Petrópolis: Vozes, Sinodal, nº 15, p.16-27, 1993/2.

Anexos

Anexo 1

Capa do livro “Em Busca de Paulo”, de John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed.

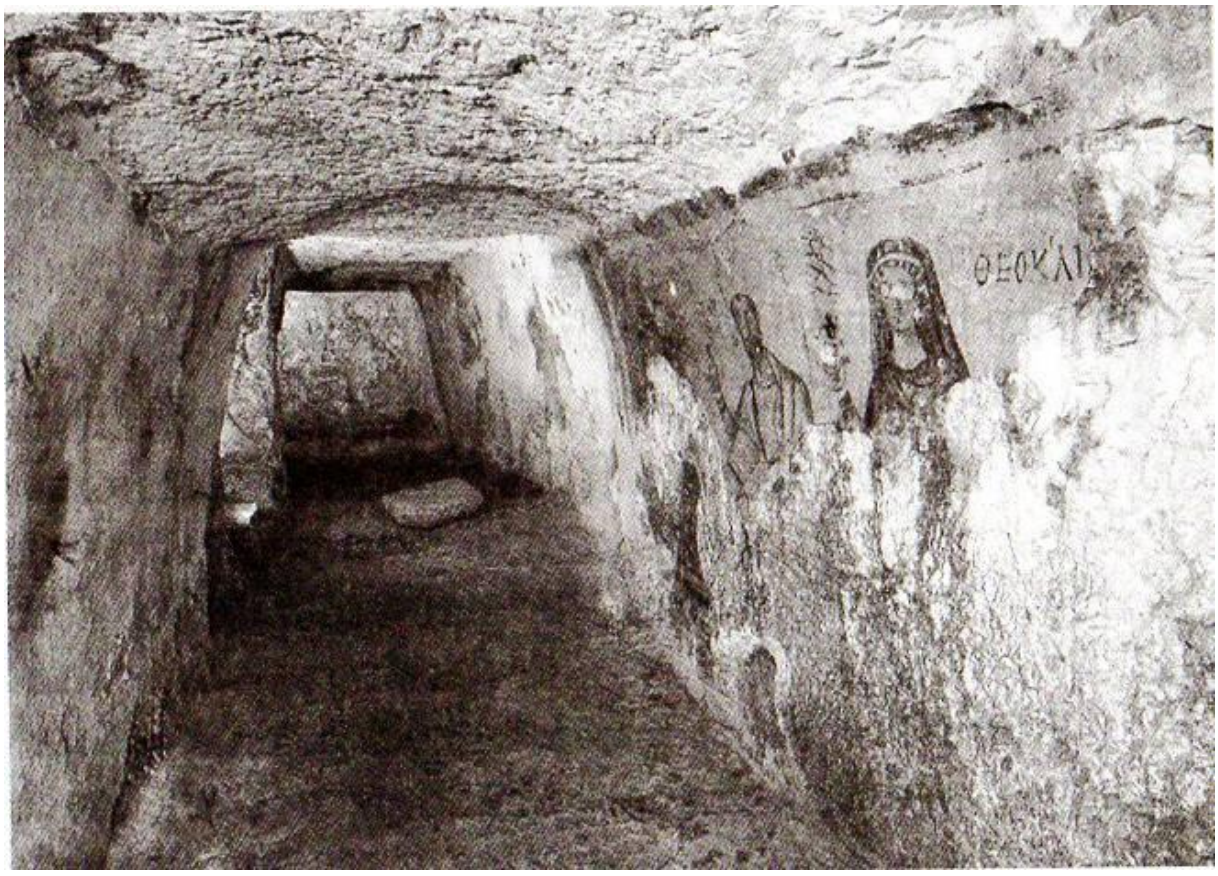


Anexo 2

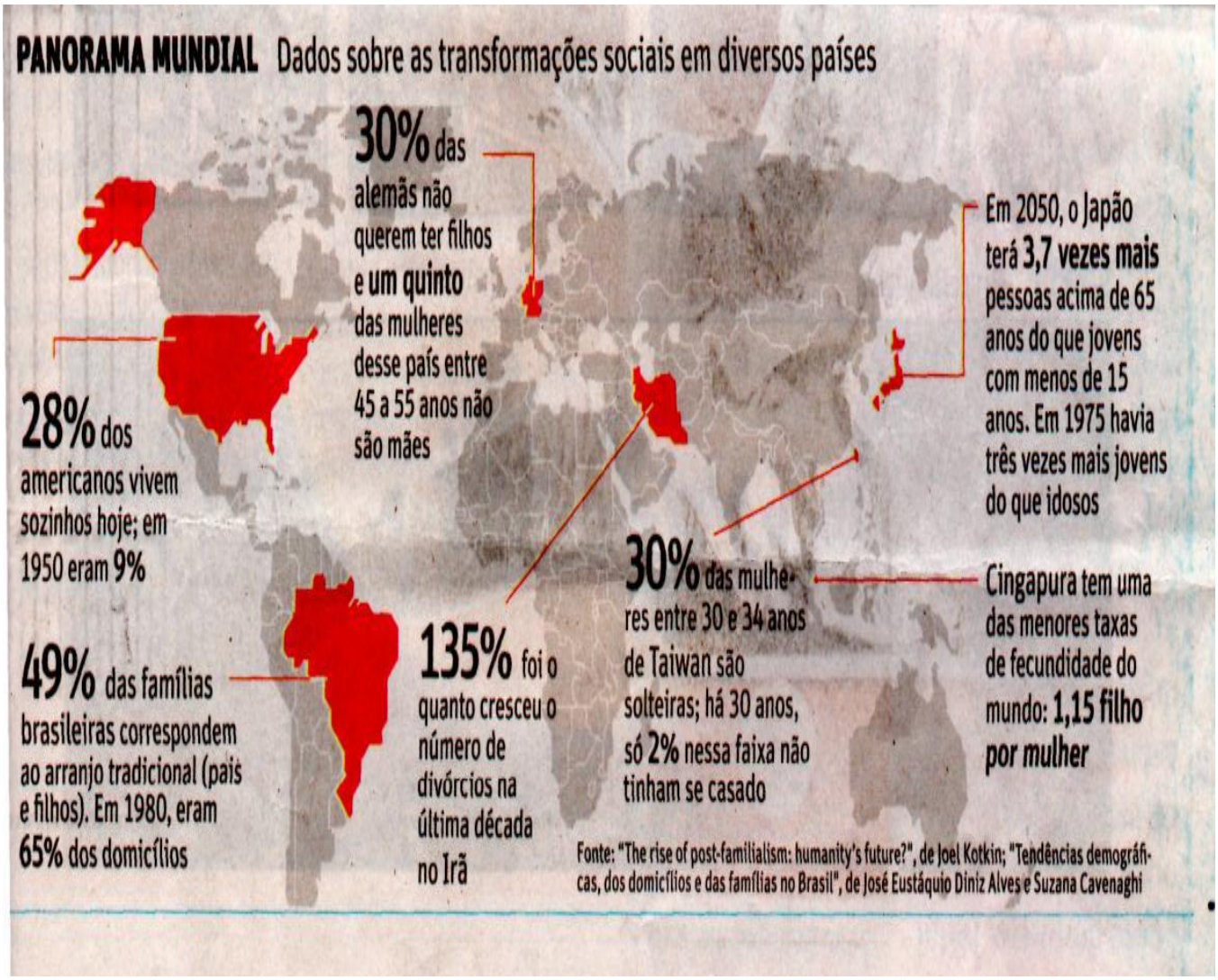
Interior da Gruta de São Paulo em Éfeso. (CROSSAN e REED, 2007, p. 10)

Anexo 3

Fresco Bizantino de Paulo (Paulos) e Tecla (Theokli) dentro da gruta. (CROSSAN e REED, 2007, p. 11)



Anexo 4

Joel Kotkin - Demógrafo, autor do estudo “A Ascenção do Pós-familismo”

(Jornal Folha de São Paulo – 25 de dezembro de 2012)